

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"

3 / 1 / 1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mucio Vol. 10
Ano III Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Núm. 1

Notícia sobre Carlos de Laet

Carlos de Laet — Carlos Maximiliano Pimenta de Laet — nasceu a 3 de outubro de 1881, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de Joaquim Ferreira Pimenta de Laet e de d. Emilia C. Ferreira de Laet. Aos 14 anos matriculou-se no 1º ano do Colégio Pedro II. Ali fez um curso brilhantíssimo, obtendo distinção em todas as matérias. Foi sempre considerado o primeiro aluno de sua turma, e alcançou sempre os primeiros prêmios. Laureado bacharel em letras, matriculou-se na Escola Central, hoje Politécnica. No curso de Engenharia manteve-se, como o fêz na Ginásia, o primeiro lugar.

Formado em Engenharia, não quis seguir a carreira. Sua vocação estava no professorado, e no jornalismo, e foi para essas duas atividades que ele se voltou. Em julho de 1893 fez concurso no Colégio Pedro II para a cadeira de Português, Geografia e Arithmetica, disciplinas que formavam o primeiro ano do curso. Foi nomeado, depois das provas excelentes que prestou. Em 1915, com a reforma da instrução secundária, desappareceu aquilo que Ramiz Galvão chamava "aritmética" — a reunião de 13 disciplinas tão disparates numa mesma cadeira — e Laet foi então nomeado professor de Português.

Por um momento, esteve ele a pique de ser seduzido pela politica. Em 1890 seus amigos monarchistas insistiram com ele para ocupar uma cadeira de deputado. Laet aquiesceu, e foi eleito, simultaneamente, por duas provincias — Mato Grosso e Paraíba. O advento da Republica, porém, em 15 de novembro, privou-o de sua cadeira. Fiel ao Imperador, de quem era grande amigo, fiel a Monarquia, que julgava o unico regime compativel com a formação e as tradições do Brasil, Laet desde então ajastou-se de qual-quer partido politico — e não ser, é claro, aquele que cultivava a memoria de D. Pedro II. Seus conselhos monarchistas por mais de uma vez lhe causaram contrariedades bem grandes. Em 1890 — conta-o um dos seus melhores biógrafos, Ramiz Galvão — ao estudar a vida do seu antecessor na Academia Brasileira de Letras — em 1890 deu-se um episodio que muito amargurou o espirito de Carlos de Laet. Proclamada a Republica, delibrou o Governo Provisório extinguir, tanto quanto possível, quaisquer reminiscências do passado regime. Uma das medidas que tomou foi substituir o nome de Colégio Pedro II pelo de Instituto Nacional de Instrução Secundária. Na sessão da congregação da casa, em 2 de maio de 1890, Laet, tomou a palavra e requereu fosse feito um apelo ao governo republicano, no sentido de voltar ao estabelecimento o seu nome antigo, que era o de alguém que com o mais comedido desígnio tinha seguido sempre pelo progresso da casa, pelo desenvolvimento de seu nivel intelectual. Houve grande tumulto entre os professores — reunidos — pois a grande maioria deles eram agora republicanos, e estavam a favor do movimento antipatriótico da mudança do nome. No dia seguinte

te o "Diário Oficial" trazia, com a data de 2 de maio — a mesma em que Laet falara na congregação — a demissão do professor! Pouco depois, Benjamin Constant conseguia transformar o ato de demissão em aposentadoria, conservando a Carlos de Laet alguns recursos, suficientes para que ele puésse viver. E só no governo da Wenceslão Braz foi ele reconduzido ao seu posto no magistério secundário.

Laet exerceu, desde então, até 1925, o seu cargo de professor, sendo também, durante longos anos, diretor do Internato Pedro II. Naquella época deu-lhe aposentadoria o ministro João Luiz Alves.

Ao mesmo tempo que exercia a cadeira do Pedro II, exercia o ensino em outras estabelecimentos do Rio de Janeiro. Foi professor do Internato de São Bento e do Seminário de São José, entre outros. Na sua qualidade de diretor do Pedro II, teve assento no Conselho Superior de Ensino Ali reunido, sempre, as suas grandes qualidades de ponderação, de sabedoria e de justiça.

Como dissemos acima, as duas profissões de Carlos de Laet foram a de professor e a de jornalista. Da primeira já falamos.

Quanto ao jornalista, parece que podemos fixar as suas estréias em 1876. Laet trabalhava, então, no "Diário do Rio". Daí passa, em 1878, para o "Jornal do Comércio", e nessa tribuna lavora, durante dez anos, as folhas tipógrafas da sua "Microcosmo". Trabalhava, também, como colaborador ou como redator nas colunas da "Liberdade", do "Brasil", da "Tribuna Liberal", do "Jornal do Brasil", do "Comércio de São Paulo", e do "Jornal". Seus trabalhos, nessas variadas assunções, e são, às vezes, espiandidos ensaios sobre materia histórica, materia literária, critica de poesia e critica de costumes. Enfim a produção desse grande mestre da prosa brasileira, quando reunida em volume, poderá ser alguma coisa da maior importância — alguma coisa que, pela majestade, e pela ironia, e pela sabedoria será única em nossa terra.

Devemos aqui aludir a outra daquellas desventuras que as convicções monarchistas e bem assim o destemido do articulista militante trouxeram a Laet. Referimo-nos à renegociação que foi a ele em 1893, por ocasião da revolta da Armada. O jornalista teve então que se refugiar em S. João del Rey. — e bendito foi esse exilio que lhe offereceu oportunidade para escrever o "em Minas", admirável livro.

Católico ardoroso, Carlos de Laet foi uma das grandes vozes que sempre estiveram na defesa da fcreia, em nossa terra. O filio de Conde, que pelo Vaticano lhe foi confiado veio como o testemunha mais eloquente do quanto sobre ele se era útil a Igreja de Cristo em nossa pátria. Presidente do Circulo Católico-all-tão, ele também nessa situação de chefe esclarecido, sereno e lúcido.

Por ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras,

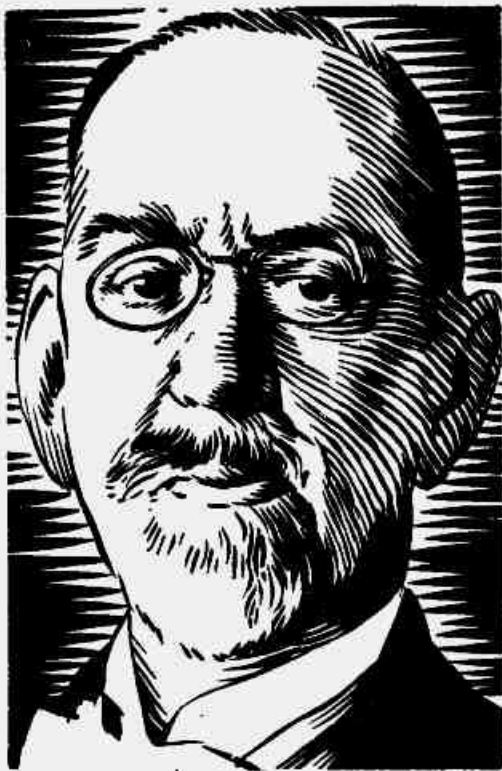
em 1896, foi ele escolhido para ser um dos criadores da casa. Fundou a cadeira n. 32, que tem como patrono Araújo Porto-Alegre. Ali foi substituído pelo Barão de Ramiz Galvão, que por sua vez foi substituído por Viriato Corrêa. Na Academia, Laet recebeu sempre provas claras de apreço e consideração dos seus companheiros. Eleito presidente em 1919, na vaga de Rui Barbosa, ali ficou até 1922, quando renunciou. Recebeu dois confrades — Dantas Barreto, e D. Silveira Gomes Pimenta. Foi presidente da primeira comissão do Dicionário da Academia comissão que se compunha de João Ribeiro, Coelho Netto, Laudelino Freire, acadêmicos, padre Augusto Magne, teimolista, Daltra Santos (técnico), Mucio Leão (secretário); Rodolfo Garcia, Fernando Neri, Arlindo Leite, Hilton Fortuna, José Segadas Viana (jurista); e Laís Lisboa Vampiri (dactilographa).

Carlos de Laet faleceu em 7 de dezembro de 1927, nesta capital.

Bibliografia de Carlos de Laet

Tendo escrito consideravelmente, produzindo um acervo jornalístico que, reunido em ilavras, chegaria a dezenas e dezenas de volumes, Carlos de Laet deixou bem poucas obras. Sua obra recolhida em volumes é a seguinte:

- Poesias, de Pimenta de Laet. 80 paginas. Tipographia Acadêmica — Rua Sete de Setembro, 74 — 1873.
- Em Minas, Viagens, Literatura, Filosofia — Cunha & Irmão. Editores. — 1895.
- Antologia Nacional — Livro organizado em colaboração com Fausto Barreto. — Francisco Alves. Rio. Primeira edição, 1895.
- Vida da Benememoranda Rita de Cascia — Tradução.
- A descoberta do Brasil — Rio — 1900.
- O Espiritismo — Manuel Científico e Popular por J. José Franco — Tradução.
- Heresia Protestante — Polêmica com o pastor Alvaro Reis — 1907.
- Além destes livros únicos que c'le publicou, registem-se ainda:
 - Páginas Escollidas da Academia Brasileira de Letras, de João Ribeiro. Ali encontram-se vários trabalhos de Carlos de Laet, e notadamente sua excelente conferência intitulada O Frade Estrangeiro.
 - Década Republicana, vol. II. Traz a conferência sobre a Imprensa.
 - Discursos Acadêmicos — 2.º volume. (Contem o discurso de Carlos de Laet recebendo Dantas Barreto); 7.º volume. (Contem o discurso de Laet recebendo Ramiz Galvão).
 - Revista de Cultura, em suas paginas tem sido republicada grande parte da obra avulsas de jornalista de Carlos de Laet.



CARLOS DE LAET

SUMÁRIO

- | | |
|---|---|
| PAGINA 1: | — Reminiscências melancólicas, de Carlos de Laet. |
| — Notícia sobre Carlos de Laet. | — O Job brasileiro, de Carlos de Laet. |
| — Bibliographia de Carlos de Laet. | — Enão e haja, de Carlos de Laet. |
| — Sumário. | |
| PAGINAS 2 e 3: | PAGINA 13: |
| — Algumas poesias de Carlos de Laet. | — Retrospecto Literário de 1942, lido por Mucio Leão na Academia Brasileira. |
| — Apologos. | — Duas canções de silêncio, de Vinícius de Moraes. |
| — Doerégano. | |
| — Quando nós nos casamos. | PAGINAS 14, 15 e 16: |
| — O Rino do Centenário. | — Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea — Primeira série: Antologia da poesia — I — Manuel Bandeira. |
| — A fada. | — Notícia sobre Manuel Bandeira. |
| — Salvo. | — Bibliographia da poesia de Manuel Bandeira. |
| — Sonetos Futuristas. | — Poesias de Manuel Bandeira: |
| — Carlos de Laet (nota da redacção). | — Versos escritos náguas. |
| PAGINAS 4, 5 e 6: | — Inscricção. |
| — A Imprensa, conferência de Carlos de Laet. | — Chama e fumo. |
| — Correspondência de escriptores: Carta de Carlos de Laet a Afonso Celso. | — A canção de Maria. |
| PAGINA 7: | — Elegia para minha mãe. |
| — Aniversário da morte de Laet, de A. J. Chedid. | — Vou-me embora para Pamplona. |
| — Carlos de Laet aos seus amigos, de Carlos de Laet. | — Oração a Teresinha do Menino de Jesus. |
| — Leuor a Laet, de Coelho Neto. | — Madrugada. |
| PAGINA 8: | — Cantilena. |
| — História do Brasil, de Carlos de Laet. | — O desquite de Ariquima. |
| — Correspondência de escriptores: Carta de Carlos de Laet a José Veríssimo. | — A dama branca. |
| — De S. João a S. José d'El-Rei, de Carlos de Laet. | — Histo. |
| PAGINA 9: | — Toante. |
| — Verbetes, de Carlos de Laet. | — Alumbramento. |
| — José de Anchieta, de Carlos de Laet. | — Carinho trista. |
| PAGINA 10: | — Noite morta. |
| — Carlos de Laet, de Humberto de Campos. | — Pneumo-tovaz. |
| — Páginas Históricas, de C. de L. | — Comentário musical. |
| — Carlos de Laet na opinião de Viriato Corrêa. | — Poema de finados. |
| — O adeus da Academia a Carlos de Laet, do sr. Rodrigo Otavio. | — Poética. |
| PAGINAS 11 e 12: | — O último poema. |
| — Um capítulo de Geographia Humana, de Carlos de Laet. | — Profundamente. |
| | — Canção de muitas Músicas. |
| | — Acalanto de John Taibot. |
| | — Antologia da Literatura Contemporânea (nota da redacção). |
| | — Algumas fénice de estudo sobre Manuel Bandeira. |

ALGUMAS POESIAS DE

As vozes bruxoleia o lavandário
e a bruxaria, um canto de dia e noite,
Vozes de paz e de tristeza,
Do teu vivo funeral.

Em magnifica estufa, desembrocha
a campela theozoa;
na a cacto silvestre e fela e rude
maria de surtos e aromas
os penais que enlora.

Man vivo é roque a luz da emida pobre,
e a adivagaia flor.
Em oitões achegas arte e beleza,
nada a fôrta vivaz duma so crença,
canfos duma só amor!

(Poesias)

APÓLOGOS

(AO DR. LUIZ A. DO BOM SUCESSO)

De toute fiction l'adroit fausseté
Ne tend qu'à faire aux yeux briller la vérité.
(BOILEAU)

I

O VIAJANTE E O MAR

(Lido no Instituto dos Bachareis em letras)

Te vejo a vapor contemplo o Oceano,
vi estendendo as naveis lherosas.
— Quem vos trouxe? pergunto; quem vos leva?
— No, respondem-lhe as vagas bulçosas.

Mas aliás, temerário, em fôra! barra
que se o pac sobre o abito um pescador...
— E a ventura? quem te enluta e te sustenta?
— E a fôrta? quem te enluta e te sustenta?

Te vejo a vapor contemplo o Oceano,
vi estendendo as naveis lherosas.
— Quem vos trouxe? pergunto; quem vos leva?
— No, respondem-lhe as vagas bulçosas.

Te vejo a vapor contemplo o Oceano,
vi estendendo as naveis lherosas.
— Quem vos trouxe? pergunto; quem vos leva?
— No, respondem-lhe as vagas bulçosas.

O mar falou assim: O meu serrado
e a fôrta? quem te enluta e te sustenta?
— E a ventura? quem te enluta e te sustenta?
— E a fôrta? quem te enluta e te sustenta?

Te vejo a vapor contemplo o Oceano,
vi estendendo as naveis lherosas.
— Quem vos trouxe? pergunto; quem vos leva?
— No, respondem-lhe as vagas bulçosas.

II

O ESTUDANTE E O RELÓGIO

Certo estudante que ando
de estudar e de estudar,
de estudar e de estudar,
de estudar e de estudar.

Se a fôrta? quem te enluta e te sustenta?
— E a ventura? quem te enluta e te sustenta?
— E a fôrta? quem te enluta e te sustenta?

III

A FLOR DA PODRIDÃO

Num campo arenil pedreiro
sepultura um burro negro;
sobre o amina sepulchro
rubra papena bictora.

Notando a fôrta? quem te enluta e te sustenta?
— E a ventura? quem te enluta e te sustenta?
— E a fôrta? quem te enluta e te sustenta?

(Poesias)

DESENGANO

De que interesse: sou a mente ufana
A existência fôrta me não doirava!
(BOCAGE)

Até-me presente de verdade
a fôrta? quem te enluta e te sustenta?
— E a ventura? quem te enluta e te sustenta?
— E a fôrta? quem te enluta e te sustenta?

Desengano cruel! fôrta? quem te enluta e te sustenta?
— E a ventura? quem te enluta e te sustenta?
— E a fôrta? quem te enluta e te sustenta?

Pedi a luz — e dão-me um labirinto
onde exanto se embrenha o entendimento
e reina a sombra que envolver-me sinto.

Deus, responde, socorre ao desento;
se a verdade aqui está se acaso minto,
tira-me então, p'ra vê-la, o entendimento!

(Poesias)

RETRATO

Um perfil de Madama pensativa,
um modo entre carilina e esquivança,
mão de boneca, pé de Cenerentola,
sorriso de criança;

voz de cristal ferido, olhos tão vivos
que ora são diamante, ora veludo,
nariz d'estatua, pequenino desputa
que é mesmo rei de tudo;

na fronte algum pensar sublime e santo,
nos lábios a bulir fino gracejo,
e um queixinho, armadilha da beleza
para apanhar um beijo;

seio de juriti, ninho mimoso
d'onde casta ternura se irradiia
alma feita dum riso de Chitrea
e um pranto de Maria;

ela é assim! — não exagero, crede...
e Deus p'ra completar o meu tormento,
deu-me o pouco-juzo dum poeta,
e fez-me clumento!

(Poesias)

SE EU FOSSE O TEU GATINHO

The deep affection of the breast
That Heaven to living things impart
Are not exclusively possessed
By human hearts.

(CAMPBELL)

Transmutado num touro, alcançou Jove
de Europa o amor lascivo,
de Venus o poeta em ave quida
mudar-se e o canto alívio;
Lena o efeito sentiu do tédio cívico
que no seio gentil trouxe animado;
convertida em leonessa, Dalano e o lva
cinge a fronte de Dello enamorado...
Oh! mil vezes feliz fora meu fado,
e achava a tristeza em que de lva,
se eu pudesse deixar a humana forma,
se eu fosse o teu gatinho.

Nunca em sua cozinha me verias
furtar o que ali há;
foram meus alimentos — fios d'ovos,
incentos, leite e chá...

Do berrinho ao color, que ao lasso corpo
da no tempo de chuva algum rombo,
não me iria enganar. Em lva remano
pregueira apasah e mas nos co.
Desdenhara dos gatos mais rulos;
por fazer jus ao teu maver carilho;
um bichano exemplar fora eu te juro,
se eu fosse o teu gatinho.

Se as injúrias de antigos avoengos
em mim vingasse um rato
eu te ouviria dizer, de noite, à volta:
— Coitado do meu gato!

Se em longa aventura perseguido
eu fargasse com medo do telhado,
em amica embebida a arranhadura
por teus dedos seria... Oh! doce fado!
spatras-me as barbas — e eu truria
o pelo nécio e liso, alto o fochino...
Mais pichoso seria no meu traje,
se eu fosse o teu gatinho.

Em teu quarto, de noite, na penumbra
da casaca lamparina,
pela fresta da porta entrara ufano,
ventura de um rei dina!
Um olho sempre alerta, outro fechado,
rosnaria os meus veros mais risonhos;
triste do camandongo que viesse,
riendo a alfombra perturbar-te os sonhos!
E quando o sono os olhos te cerrasse,
em dormira enroscado num cantinho; —
no amor, na discórdia seria Amadis,
se eu fosse o teu gatinho!

Oh! ludário da sorte, quando injusta
fere os homens e os gatos!
que enleia o papa-ratos!

Mas tu, fada gentil, tu que mudaste
co'm volver de teus olhos meu futuro,
ê bondona uma vez — e cumpre um dia
da teu rote o anelo ingênuo e puro...
E se não podes dar-me os verdes olhos
e as barbas senhoris de teu bichinho,
dá que eu viva a teus pés, como fizera
se eu fosse o teu gatinho!

(Poesias)

QUANDO NÓS NOS CASAMOS

Quando o dia chegar, Delia formosa,
Em que afinal, como desejo, eu possa
Unir a minha, tua mão mimosa,
Da modesta mansão que ora te abriga,
Um palácio farei: p'ra transformarmos
Baste só nosso amor, nossa alegria
Quando nós nos casarmos.

Hão de vir récias moças enfeitadas,
Tuas primas e irmãs, avós e tias,
Que nas lutas do amor são jubiladas,
Foderemos a sós falar, beijar-nos,
Será lido até nos abraçarmos:
Que ventura d'outra, que delícia,
Quando nós nos casarmos!

Num façero "gumpé" por dois lucentes
Nedros "bichos" luxados, com p'ra bu'ha
Corremos à Igreja mal contendo:
Hão de as moças mostrar-se desleitados,
Hão de as moças me olhar quando passarmos
Quanta luvija, menina, raparemos
Quando nós nos casarmos!

Sobre as brancas roupagens, v'ra bordado
Trajaria nesse dia; tu, de casaca,
Calça preta, luneta e clique ao lado:
Entraremos no templo de micas dadas
E há de o padre benzer-nos, mal chegarmos:
Se falar em l'alm, p'ra man sorrir-le,
Quando nós nos casarmos.

Prazer novo, folgado e brincadeira
Nos aguarda na casa, em que se aprita
Dos amigos a tuba galbofeiro:
Tomaremos com chá parcos docinhos,
Dançaremos também... mas sem casarmos;
Muito fino é m'lar, muita energia
Quando nós nos casarmos.

Quando o instante chegar mais bem querido,
E no fardo relemos airo pondeiro
Da ventura o momento houver trazido,
Que faremos então? Não sei, donzela;
Muito pejo nos vela em tal l'almamos:
Não te apresses, menina, has de sabê-lo
Quando nós nos casarmos!

("Gazeta de Notícias" de 10-1-877)

O HINO DO CENTENÁRIO

Oh! Deus de nossos pais de cuja destra
cabe os seculos como grãos de areia,
conferimos-nos hoje, unidos, livres,
para, leais a ti, leais à pátria,
agradecer-te o evo que tens-nos
e confiar-te o evo que começa.

Onde outrora, segundo os teus desígnios,
solitaram nossos pais esse teu braço
que retumba, estrepito jubilos
de rotos ferros, de entes que tombam,
p'ra otuar o dia feto, os nossos l'almados
de mil plenas da terra enfeitados.

Oh! se conosco, em quanto o novo mundo
saúda o v'rio, agitando as resas,
devendamos os trinitos do tributo
e os troitos d'arte todos que o sol cobre;
E para o bem comum, prele a justa
dos dois rivais: — o l'alm e a l'alm!

Tu que em plena concordia aqui justaste
as bellens bandeiras do orbe intaro,
debato dos teus patrios no ocidente
a oriental missão da que se cumpria,
e onerados do amor co'o veloz
despede em paz da paz os aproupos.

Pelas tréguas da arte e do trabalho,
pelo consócio da beleza e do util,
gracia te damos; mas também queremos
as austeras virtudes salvadoras,
a honra incorruptível e mais nuna
ou comprada ou vendida a humanidade!

Oh! através dos seculos, Senhor, faze-nos
na paz seguros, na justiça extensos;
ampara a liberdade, a nossa dádica,
da integra lei tua co'o presidio,
e, injetado num molde mais divino
eclipse o novo ciclo ao ciclo antigo!

("Gazeta de Notícias" de 4-7-1876)

A FADA

Quando era pequeno ainda
Sonhei que uma fada luda,
De docura e graça lufica,
Veio meu sonho embalar;
E então com vozes amenas
Me cantava essas canções,
Essas baladas anticas
Que luda me faceva olvidar.

Mas logo que adormecido
Me via ela, acalentado
Pelo seu canto ruantado,
Por sua doce canção,
Me levava nos seus braços,
Transportado em ternos laços,
Para os seus névros naços
Onde era meu refugio.

Ai com ternos sorrisos
Me mostrava os parcos
Onde, entre gracas e rios,
Passava a vida imortel;
Tendo os céus por apasento,
O sol como roço ao canto,
Por diadema o firmamento
Com seu luziro eternal.

Várias pedras preciosas
Eram lá tão numerosas,
Que se viam radiosas
Pelo solo a cintilar;
E a luz que aí se via,
Bern que mais clara que o dia,
Tinha essa doce magia
Das noites de almo luar.

CARLOS DE LAET

Aí ouvi sonoros
O som do teu sereno
Qu' a noite se ouve queixoso
Por vagas fronte azuis,
E a tua luz na solidão
Luzes na minha noite
Teu som do teu sereno
Que a solidão se sente.

Desce a tua companhia
A minha vida inteira
Sua luzes e sua vida
Sua luzes e sua vida
Sua luzes e sua vida
Sua luzes e sua vida
Sua luzes e sua vida
Sua luzes e sua vida

Amor tu contemplava
A tanta coisa que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava

Mas lá então desce
Sua luz, com que fitando
Com terno gesto meu brande
Me olava até então,
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno

Todo instante, que imprudente
Desce a tua luz que olava,
Amor tu contemplava
A tanta coisa que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava,
E a tua luz que olava

Choro e medra, e não te importe,
Que quis a inconstante sorte
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno

Sua luz, com que fitando
Com terno gesto meu brande
Me olava até então,
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno
Fazendo, entre choro e canto,
Que o teu sereno
Fazendo, entre choro e canto

O teu sereno, que te encontra
Resplandecendo de luz tanta,
E que de amor se decanta
Do teu sereno, que te encontra
Resplandecendo de luz tanta,
E que de amor se decanta
Do teu sereno, que te encontra
Resplandecendo de luz tanta

Assim também é da vida
Que se antolha florida,
Muita tração e beleza
Que se pratica sem dó;
Foge do vício medonho
Que mostra aspecto risível,
Que fazendo como um sonho
Morte e luto deixa só.

Dizendo o sábio e prudente
Discurso grave e eloquente
Que eu escutei reverente,
Aborço, todo ali,
Sumiu-se o sonho de amor
Da aurora os brancos palcos,
E a visão como em vapores,
Foi-se pra longe de mim.

E quando os olhos abrimos,
Ao mundo de novo vindo,
Do teu sereno, que te encontra
Resplandecendo de luz tanta,
E que de amor se decanta
Do teu sereno, que te encontra
Resplandecendo de luz tanta,
E que de amor se decanta

Mas na memória ilustrada
Pelo livro que foi dada
Nessa vida encantada
Que lido revejo risível,
Grave o tanto precioso
Que com doce brande aspecto
Dra-se a vida no meu peito,
Entre as imagens de um sonho.

Januário de 1941.

SALVE

A RAMON FRANCO

(Trase ao Brasil o coração da Espanha)

E noite ainda... Vai partir... Rebrame
O mar em fúria sob o peso arfante
Do estuque aparelhado, que os tentame
Arrojado se alira: — Mais avante.

Vai partir... Superou quanto o detinha.
Mas vado melancólico o lanceia;
Cada na esposa afilada, e na velhinha
Que roza e chora na longínqua aldeia.

E num urto da té, que verdadeira
Nos perigos aos crentes acompanha:
"Virgem do Carmo, santa padroeira,
Protege os filhos da brava Espanha!"

Partiu. Vai mais ciente que o pombo,
Que de seu rasto certo o seu caminho:
Leva consigo o gênio de Colombo
E o norleir seguro de Coutinho.

Que pretende esse herói? Que sonha ou pensa
Para mais exaltar o nome hispano?
Vai vindo e trazendo a névra densa,
Rosa-lhe aos pés o abismo do Oceano.

Ele não vai errante como o cego;
Cumprir de Deus os mandos providentes:
"Vai, marujo do ar, apriime o pego,
Une em laço de amor dois continentes!"

De o balroz gigante eu revendo
Vindo a quive asombar possante, estranha,
"Passe de largo" diz: e o céu lhe brada:
"Abre caminho à gloriosa Espanha!"

Das estrelas atônitas a corte
Contempla os feitos de inalter memória.
Uma dizem: "Rumando vão a morte!"
Dizem outras: "Vão rumo da vitória!"

Uma gaivota audaz segue-lhe a esteira,
Sem se importar da máquina tanianha:
Guarda de honra da plaga brasileira,
Vai escutando o coração da Espanha.

Chega, sempre sereno e destemido,
Combatido no auxílio sobrehumano.
Deixou auras e temporal vencido;
Frente-lhe aos pés o plácido oceano.

O vitorioso estirpe, é raça ibérica!
Não sabem abalos a empanar-te o brilho!
Espanha, agitada mãe da no-va América,
Brilha-te a mão na fronte de teu filho!
Rio — 1926.

SONETOS FUTURISTAS

Carlos de Laet

Mundo. Fro. Carroças. Quitandeiros,
Futuristas. Idéias. Maluquice,
Bandeiras. Gênis. Garis. Paripatice,
Aranhas. Automoveis. Gazeteiros.

Olho grande. Ambrão. Vais. Raticos.
O Futuro! O Passado! Os acouqueiros
Cantinhos de rapim. Cubos. Tinteiros
Pineis. Palhaças. Tintax. Macaqueiros.

Olhos em alto. Camandongos. Gias.
Gênios. Botas. Botinas e tripeça.
Sapateiros. Amor. Filosofias.

Batatas e rebolas. Nova peca.
A aranha. O Graça. Novas energias.
Café com leite. Futurismo à Bessal

Tarde. Avenida. Gente. Braços nús.
Pequenas Decotas. Almofadas.
Futuristas. Alvear. Doces. Coalhada.
Depolados. Carniças. Urubus.

O Graça. A elaque. O Futurismo. Nada
Taxi. Bonde. Encontro. Catrapust
Assistência. Meninos. Pouca luz.
Muita prosa. O Futuro. Patagaçada.

Céu verde. Mar de leite. Estrela preta
Mais graça. Mais topete. Lábio azul.
Osório. O velho Alva. A chupeta.

Aranha. Avô. Avô. Ave! Tafu! Ligação.
Beira-mar. Potoca. Peta.
Telefone. Afinal. Setenta sul...

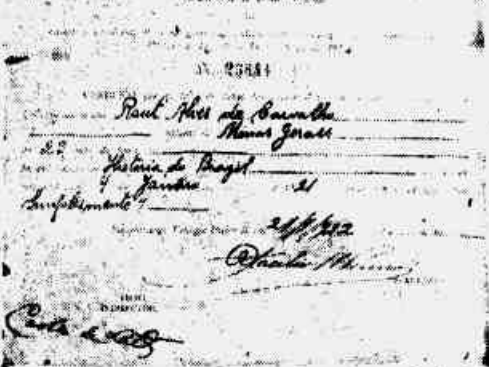
Noite. Calor. Concerto nos telhadões.
Cubos esferoidais. Gafas e gatos.
Venus. Graças. Aranhas. Catrapust.
Melindrosas. Poetas assanhados.

Rabaneles azuis. Sós encarnados.
Comida no alquedar. Cuspe nos pratos.
Três rondas a cavalo. Mil bolotas.
Prosa sequipedal. Tropas safados.

Avenida deserta. Bondes. Brama.
Choppis. Fidalga. Leite. Pão de ló.
Carros de irrigação. Salpicos. Lama.

Vacas magras. Esfinge. Triste. Sô.
Tumor mole. São Paulo. Telegrama.
Dois secretas. Cubismo. Xilindrô.
(1924)

COLÉGIO PEDRO II
CERTEJAC

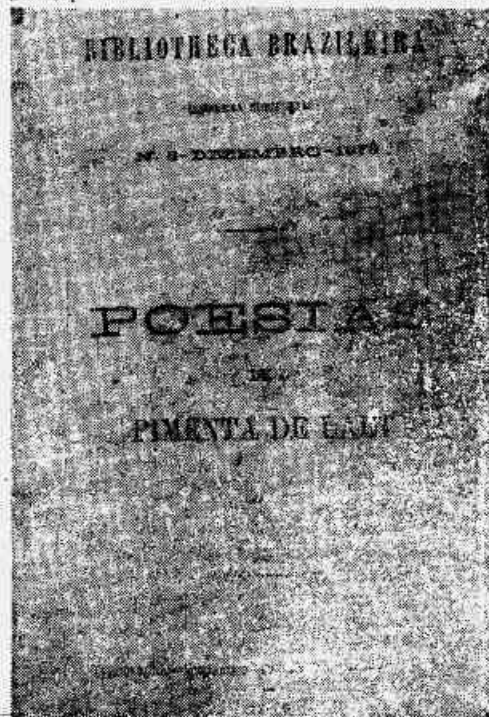


Certidão do Colégio Pedro II, datada em 1924, com o visto do diretor, Carlos de Laet.

CARLOS DE LAET

Além memórias, parecetes e relatórios acerca principalmente de questões referentes à instrução pública, a que muito há servido o seu esclarecido espírito, parece-nos que o primeiro livro, em prosa que deu à luz foi, em 1884, o *Em Minas*, formado de estudos que publicara no *Jornal do Comércio*, sobre literatura e filosofia. Em 1897 era publicada a *Vida de S. Rita de Cassia*, original de Lourenço Tardi, que Laet verteu para o português. *Hersia* Protestant é outro livro da sua lavra, que corre mundo desde 1907, no qual procura rebater o que ele chama "heresia" e distribui de um pastor protestante. O Colégio Diocesano de S. José tem publicado em pequenos opúsculos muitos dos seus discursos e conferências. De colaboração com o professor Fausto Barreto organizou a muito vulgarizada *Antologia Nacional*. O vol. II da *Década Republicana* traz o seu longo estudo acerca da imprensa.

Corresponde essa obra aos méritos do escritor? A literatura tinha direito a exigir mais de quem é portador de tão profunda cultura, e de José Agostinho de Macedo.



Página do livro das poesias de Carlos de Laet, publicada em 1923, na Tipografia Acadêmica, Rio.

A IMPRENSA —

Exmo e revmo sr. arch'epo.
R. mdo: Sr. Arcebispo do Porto
R. mdo e vobis. Muito sauda-

Propunha ocupar a vaga brevemente durante alguns minutos, julgando acertado orientar os quanto ao objeto de tanta preocupação, pois que da vaga indeterminada junção do seu tema quase nada se podem colher.

Eu não venho, senhores, discutir em estilo florido sobre a importância e as vantagens da imprensa. Sei que falo diante de pessoas ilustradas, e com elas posso, a qualquer tempo, amplificar tais lugares comuns. A imprensa (quem a contesta?) é o mais poderoso meio que se tem inventado para a divulgação do pensamento, e pô-lo em dúvida seria arremessar o paradoxo sobre a evidência.

Não veio tampouco, senhor, formular um libelo contra a pobre filha de Gutenberg, como se diz em estilo de repórter, e muito menos ainda atacar a imprensa republicana, como assalhou um papel diário de hoje.

Em primeiro lugar, quando deixo esta tribuna, que algo tem de catedral da verdade, posto que em plano muito inferior, e cando assim obedeco as ordens da Ilustre directoria desta casa assim a sorcacho, eu deixo lá fora todos os milhares aspirações humanas e qualquer ressentimento de carilho. E depois, melhores, preciso me e dizerem que nenhuma queixa tenho de insustentação do meu pai-

Elétricamente, ela me tem
esquecido, mas meus vinte e seis
anos de jornalismo, todos os cli-
ques e... todas as contarmelas.
(Ela)

[illegible]

Com o sr. José do Patrocínio da-se a mesma coisa. Ora, para esse publicista a sua obra é verdadeiramente sagrada, tudo sacrificando a defesa de uma ideia, permanecendo de pé sobre os escombros da monarquia; ora, o laço do Ouro Preto (riso) a fingir que propugna religião para fazer uma arma política. Presente, eu tolero a afronta, satisfeito, agradeço e colhejo; e quando me encontro com esse cavalheiro, a minha primeira pergunta é esta:

— Jo é, em que ponto nos achamos? teu último artigo foi elogio ou descompostura? E, com todo o seu bom coração, aliança que me quer muito... Somos excelentes amigos (chil-riscados).

Um dos papéis que diariamente se estampam nesta cidade, no dia de meus anos, em um dia de outubro próximo passado, descebeu que eu era isto: "Patriótico, liberal e imparcial, caracter de tempo raro, espírito independente e indomável, comprometido a sua vida pública em um exemplo de desassombro e de integridade que há de permanecer na mente através das gerações futuras." Eis o meu boletim de honra pública, assinado por alguém particular: "Eu sou amigo e torcedor das causas republicanas e não sou igual ao resto da população."

pela probidade e pelas nobres
virtudes que com o seu talento
de escritor, formam na sua indi-
vidualidade a couraça intangi-
vel com que se apresenta nas
lutas jornalísticas.

Muito bem: mas passados oito meses, o mesmo jornal, cujo nome não cito por desalembriamento de memória triso!, apresentou-me aos seus leitores como um ente asqueroso e com todas as chapas morais que podem afogar a humanidade!

Senhora, não falando das nossas vultros enlatadas, que naturalmente estão sempre em discussão, eu, entre os homens medíocres e merecidamente obscuros, sou aquele sobre quem mais tem chovido elogios e diatribes. Claro está que nem deprecuro as cores que me oferecem, nem perco o apetite com as decomposições com que me escovam (hilaridade). Sabels o que na aritmética se entende por *média*. Adicionam-se as parcelas e divide-se a soma pelo número delas. E' o que tenho feito, e no fim das contas, ainda foram generosas para comigo.

Nestas condições, bem compreensíveis que nem o rumor, nem a imprensa possam absolutamente me atingir no que eu digo, e que o fim da conferência é tão somente de ordem filosófica e social, destinado-se a premissas e a aos meus compatriotas em geral, contra aquilo que eu chamo — a tirania da imprensa.

Tirania da imprensa? Sim, tirania da imprensa... Amosa esta palavra a palavra, *le mot est lancé*... Nescio vos missa reverti, não volto atrás o que lá disse e remédio não tenho para justificar a minha tese.

Senhores, uma das grandes singularidades dos tempos atuais é que os povos vivem a combater fantasmas de tiranias, e indiferentes às tiranias verdadeiras. As revoluções derribam monarquias, que às vezes são magníficos pastores de povos. Anticamente cortavam-lhes as cabeças, mas hoje tem aqúelles uma outra lição: contentam-se com despedi-los, fazendo-os embarcar a deghoras, porque sabem que as potencias são as mais corrias da sua missão provincial e da seu dever de latência... Por outro lado, apressa-se a tirania do capital e, addressa a todo capitalista e a cada empresário, esta uma turba freneticamente prestes a tumultuar, quando julga menos-bastar os seus direitos... E todavia, senhores, o povo ainda não comprehendeu que uma das maiores tiranias que o coteculcan é a da imprensa: é longe de comprehendê-lo, antes a reputa uma salvaguarda dos seus interesses e a vindicatória dos seus direitos. E' contra este sobeismo que ora me insurjo. (Muito bem).

Que é tirania, senhores? Omnia definitio periculosa, dizem os escolásticos; mas creio não errar definindo tirania — a indebita e opressiva poder exercido por um, ou por poucos, contra a grande maioria dos seus contemporâneos. Ora, esta definição maravilhosamente quanta ao chamado poder da imortalidade.

E que poder exerce esse grande minúsculo? Enorme.

A imprensa pode efetivamente influir no governo de um país, constituindo aquilo que já se chamou — o quarto poder do Estado.

Pode tornar odioso o chefe de uma nação e concitar contra ele o desprezo, o ódio público e até mesmo a garrucha do assassino, como entre nós se evidenciou no atentado do Arsenal. Quem não se lembra dos incitamentos que armaram o braço de Marcelino Bispo? E, por isso, quando me vieram contar que o assassino fora um soldado, imediatamente eu reforcei: — Estás enganado, foi um jornalista! Muito bem!

A imprensa interpõe-se entre o povo e o parlamento. Parlamentos ou congressos (não trato aqui de jornais governamentais) devem ser, quando não o sejam, compostos dos homens mais distintos de um país, pelos seus conhecimentos e por suas virtudes. Pois bem! O povo não lê o que os jornais querem que eles tenham dito. (Applauds).

Não há entre vós, sr.?"
sou até rapaz de apostolo, não há, entre vós todos, minha dúzia de tracas de biblioteca que se chamam "Diário Oficial" vão ler o que se diz no Congresso, o que se lê nos extratos dos jornais, extratos incompletos, calando o que possam contrariar a opinião da turma, desentrevendo o que se diz. E, aliás, sabe, e não raro de propósito, o pensamento do orador. Parodiando uma célebre definição da arte, posso dizer que a eloquência política no Brasil é o Congresso visto através do temperamento do reporter. (Aplaudido).

ter, exposto. A maioria no Brasil, quero dizer, creio, não é, seguramente, que dela dizem as coisas, sistematicamente difamadas; mas não vale negar a existência que também sobre ela existe a crítica apaixonada dos jornais. Conheço países austeros, sobretudo da sua honrada pobreza, incapazes de tocar em um celti que honestamente lhes não pertença; e todavia, os seus magistrados tremem da infamia impressa e tristemente então decem da sua habitual rigidez.

Não é somente, meus senho-
res, sobre o homem político e
sobre o juiz que se exerce o po-
derio tirânico da imprensa; não
há nenhuma de nós que não seja

— Mas nenhuma de vós que esteja
lendo dos mesmos acontecimen-
tos... Apolo! — Sobre um funcio-
nário pitufo pôde uma folha
falar para suspiros de pesa-
dume e de aborrecimento. O padre
mostrava de uma vez se tem visto
desencantado, nodando-se-lhe a
reputação com iguéis pechas.
A imprensa caladoura já tem
subido ao selo dos bispos, e até
meio ao dos Papas. Pio IX
foi um santo, e ninguém ignora
quanto correu mundo a torpes-
sia fêrda dos seus amores...
O papista... Indivíduo...
... todos, sempre todos
nem a sua reputação, a sua
honra à mercê dessa misteriosa
divindade, desta potestade que
toda e que tira mais do que a
vida, porque a honra vale mais
que a existência. Muito bem!

"Não se expanda, Ó filho de Mãe!
 Um Lobo não dá liberdade da
 sua boca, e não se dá a liberdade
 para em frente do soldado. O
 jornalista atirado à câmara
 por via de regra, pouco lê e Bi-
 bliografia não sempre lhe chegou aos
 ouvidos um trecho de S. Paulo
 que resume: "Non sine causa
 gladium portat" - disse o apó-
 stolo dos Gentios. "Não é à toa que
 se traz espada à cinta". (Ribeiro)
 São Paulo falava do príncipe,
 mas o jornalista não compreendeu
 que hoje não é o príncipe, que
 não é o soldado quem traz espada,
 e, evidentemente, se abstém de
 trazer a espada armada.
 Releia-se o **vulgum** de de-
 clarar, resistências não, senão
 para as suas exortações e
 exortações. (Muito bem!)

A tiragem da imprensa não se

deitem ante o humar do lar doméstico. Aqui, no Brasil, eu se arroga o direito de invadir-lo e de injuriar as mães, as esposas, as filhas dos adversários. Qualquer que tenha tido a infelicidade de incorrer na desafeição de um tirano da imprensa, pode ser ferido no mais íntimo do coração, chasqueado, vilipêndido, esbofetinado pela mão invisível e incoerente do jornalismo.

«Sobre esta demasiada seriedade se falou demasiado uocenas penas. O pelourinho, vós o sabeis, consistia numa columna, eretida e bastante patente, e nela a lresco estavam erant expostos os criminosos. Quando se abateu o último pelourinho, os porcos bateram palmas: mas foi uma grande tolice, porque ao mesmo tempo se armara a imprensa. E a imprensa, senhores, tal como entre nós se entende, é pior do que o pelourinho antigo, porque neste só se expunham os reus legalmente condenados, e a imprensa e o pelourinho sem sentença.» (Aldouard).

Lembra-me, senhores, um pobre, um miserô operário, cuja filha tinha sido desviada para um perverso. Ele padecera, resignado, a tremenda afronta, mas uma coisa sobre todas a affligia e angustiava: a ideia de ver nas fúrias e començada nos quinquês e nas taboas as três paginas da sua desdita. Para logo me procurei acreditar, na sua angustia arguente, que, por ser eu homem da imprensa, teria influencia em toda ella. Dei-lhe um cartão para amigos e humilhei-me me orrendo que todos fossem humeis, e que se tratava de uma desgraça humana. Alguns cobraram austeridade-me; outros, não pigava a causa da publicidade, se aquelles factos escandalosos não fosse divulgados. E, finalmente, o pobre pai tomou a sua única possibilidade a sua dolorosa situação. As vezes da vontade de morrer, se esqueceu brilhante porcelana vinda da Brema formalizada a d. Pedro II. O infante da posse verídica historia tomou esse alvitre: morreu. No dia immediato rezaram as folhas que ele succumbia a uma lesão cardíaca; mas eu sei que o porção se lhe estalou de maxima vergonha, de immensa dor, e quem lho estalou foi a imprensa exploradora do escândalo (Sentença).

A imprensa accusa-se de direito que a lei dramaticamente recusa a qualquer cidadão. Sabels, por exemplo, que o crime de adultério é punível de penas pelo nosso código; porém pelo artigo 278, § 2.º, a acusação desse crime somente é feita aos cônjuges, e ainda mesmo estes ficaram privados do exercício de tal direito se, por qualquer modo, houverem consentido no adultério. Com esta prudente restrição o legislador penal quer azeitar o recato da lei doméstica e impedir que nas relações íntimas entre marido e mulher se intromettesse alguém que, malévolo, expôsse o casal ao escárnio do público. Pois bem! para a imprensa entre nós não existe essa barreira e bem sabe que na sua forma de investigar ela não hesita em invadir a casa do adversário para de mistura com o chefe de família, apunhalar a esposa e os filhos, ferindo-os em sua honra! A lei, que todos nós teremos, é que se reclama liberdade de imprensa. (Aplausos.)

Señores, se nos temes do feitiço-me um castelo e um labirinto de avaras e um homem do povo e de expulso, feras e feras e feras do castelo, nas apodas das feras e feras e feras, esse de feras, feras pelo critério democrático, de feras de mais energias indignações. Se o mesmo feras entrasse no lar do vilão para de feras-lhe os feras da família, certo que feras se feras.

taria a animadversão geral. Entretanto, senhores, isto é o que rotineiramente faz a imprensa e não há quem contra ela erga um protesto; e, pelo contrário, todos a consideram guarda vigilante dos direitos do povo.

E' uma oligarquia, ja vo-lo demonstrei, e toda oligarquia e tiranica. E' uma oligarquia exercendo poder absoluto, tremendo, incontratado; — mas pelo menos, se' uma tirania inteligente?

Longe de mim, senhores, de longe de mim, senhores, de longe de mim, senhores. Toda a minha vida de jornalista protestara contra isso. Sou monarquista não porque tenha sido autocrata, pois nunca o fui, quando facilmente o houvera podido ser. Sou monarquista, não porque entendo que, com a distinta forma de governo, melhor se conciliam as liberdades políticas e civis da minha pátria. Longe de mim, repito, a ideia de pregar tirania. Mas, forçado a reconhecer que assim tudo mudou...

Compreendo, por exemplo, a tirania de um Pedro I, da Rússia, que, no meio dos seus excessos sacerdotários, fazia um barbaresco Moscóvia, uma grande potência civilizada. Compreendo o absolutismo de um Luiz XIV, da França, que era ao mesmo tempo a glória militar e a glória literária. Compreendo, que durante os seus reinados, a França era a despotismo do primeiro Napoleão, pois lhe amaldiçoava fronteiras e, triunfante, fazia passar pelo topo da Europa o glorioso estandarte bicolor.

Mas o que eu não compreendo é a tirania da incompetência, e a tirania dos incompetentes. (Aplausos).

Sabêis como se faz um jornal? Um homem deseja ganhar dinheiro, recruta certo número de colaboradores, para batê-los com uma popularidade e o talento deles. (Riso) Mas e os colaboradores de aparato, com responsabilidades próprias e que de ordinário se não servem para atrair sobre as folhas as simpatias dos leitores inteligentes e sérios. Alim-di-o-ni, porém, um pessoal completo de cavalheiros desempregados e... imprudentes. (Riso). Poi, bem, nesse pessoal anônimo é que está o nervo do jornal; são eles os que bem exploram e tudo sabem. São eles a quintessência da opinião pública. (Riso). Senhores, não havia de ter, e não falta de exceções. Reconheço a alta capacidade intelectual, a perfeita integridade moral de muitos colegas do jornalismo, aos quais antes tenho por mestres do que por simples companheiros. Deste modo, senhores, se entre vós algum há a quem possa incomodar a verdade eu lhe peço que se considere em a número das exceções. (Riso). Abstrai o si e pense no vizinho. (Rilardade prolongada)

Nas redações, como auxiliares, como repórteres, muitas vezes como redactores, tinha, durante muitos anos, uma vasta e inteligente rede de colaboradores, terminando os seus cursos superiores e que mesmo nem sempre concluíam os preparatórios; rapazes que, não tendo habilitações para médicos, advogados, professores ou engenheiros, tinham coragem para a labutaria do comércio e o suor da vida industrial, achando mais cómodo fazer-se críticos e bilipentidos literários, contadores, teatros. E é diante dessa zona, de escolas, que traziam os velhos livros de ciência, de viciadas leituras, os artigos, com ideias e trabalhos. Muito bem!

Intervém, de novo, o Sr. Duarte que profere, mais ou menos, o seguinte resumo das opiniões recebidas acerca dos seus trabalhos literários que, de 20 anos, constituem o livro publicado, conclamando os seus leitores de experiência a não se confundirem com a ignorância e a ignorância do Duarte, da República.

Outras vezes, a injúria e re-
comendação, mas a decisão do
tribunal firma extravagante-
mente lembra-me, entre ou-
tros, aquele caso que ocorreu
com um venerável monge de-
cidade. Num belo dia levantou con-
a-somro os seus amigos,
folha de grande circulação,
cujo director é um dos pro-
mens da República, a notici-
a espantosa violência que ter-
tido perpetrada pelo mon-
contra indefesa dama. Os epis-
totos de invectiva não faltaram
frade relaxo, sátiro sage-
monstre de burei, indigno sag-
vider do Cristo, etc. etc. O po-
bre religioso correu aos seus su-
periores na hierarquia da Igreja
ja; humilde e resignado falou
expos a verdade. Justificou-se
Quando se ergueu estava abono-
vido. Mas restava-lhe rehabi-
litar-se perante a opinião pu-
blica. Processou o jornal difa-
mador. Sabéis o que lhe aconte-
teceu? Obteve uma sentença
absolvendo a fúria poderosa.
(Continua na página seguinte)

VERBETES — Carlos de Laet

Para desenfado e nenhum proveito dos lexicógrafos acadêmicos

A. B. C. — Livrinho para ensinar a ler. Jornal científico que meze comigo, só porque continuo a fazer votos pela duração secular de meu colega Conde de Agrolongo.

Adamastor — Gigante inventado pelo grande Camões e que tinha o mau costume de fazer caretos e proferir discursos agressivos. Nome dado a alguns navios de guerra lusitanos. O último aqui veio saudar a nossa felicidade republicana e desembarcou uma pequena torção que, mal compreendida, sofreu castigos na vanguarda. Finalmente, isto não alterou as relações de sincera amizade entre bons portugueses e brasileiros sensatos.

Almoço — Refeição especialmente destinada à glorificação de homens ilustres ou que pretendam ser. A importância intelectual e moral dos festejos calcula-se então pelo número dos talheres ou pela excelência das iguarias. Assim é que no "Jornal do Comércio" o valor de um eminente funcionário foi apreciado em 300 talheres.

Bernardo — Nome próprio do coque se tirou o patronímico Bernardes. A malícia leiga, inimica dos eruditos frades bernardes, criou com espírito de zombaria o vocábulo bernardes para significar desleixo ou dispare. De Portugal também se veio o termo bernardes para designar revólver de pequeno vulto, mas que, às vezes, indelicadamente se procrastinam.

Burro — Epíteto com que nos qualificamos, uns aos outros, quando temos opiniões divergentes, ou quando alguém ignora o que julgamos saber.

Câmbio — Coisa que se acreditava movel como a coluna termométrica que marca as inevitáveis oscilações do calor no ambiente. Parece, porém, que vai ficar fixa ao menos por algum tempo.

Camelo — Ruminante sem corno, o que já depõe em favor deste animal. Tem quatro estômagos e pode por isto ser considerado como o tipo natural e sugestivo de certos figurões pouco inteligentes e com quatro estômagos.

Caráter — Conjunto de qualidades morais, cujo nível, lóbro muito do cima, parece estar caindo. Entre várias opiniões sobre as causas do fenômeno não se deve rejeitar a daquelas que atribuem o fato ao pavor incutido pela compreensão do pensamento nacional bem como à desmoralização do mérito desprestigiado e constantemente sacrificado ao filantropismo. Salvo heróicas exceções, não pode mostrar caráter um povo atemorizado e que não no patronato enxerga meios de ascender na escala social.

Carnaval — Enorme pândega carnica durante a qual são passadas pelas ruas algumas senhoras defendidas pelo dr. J. J. Carandá, e, em voz alta, se cantam trovas populares picarescas. Propal-se que isto vai ser oficializado.

Cego — Infeliz privado de

visão. Também se aplica, por abuso, aos que veem pouco. No último concurso para o provimento dos lugares de professor de desenho no Colégio Pedro II, apareceu o recurso de um candidato, quase inabilitado, o sr. Paulo Ferreira, que alegou não poder cu julga-lo, por ser cego.

Enganar-se de côis terços. A distância de 15 passos, postus de par o mesmo cavaleiro e outro manifeiro de maior vulto, ainda perfeitamente logro-vê-lo e distinguem entre os dois. Não e culpa minha, se para desaprovar o recurso Paulo Ferreira se foi colocar no escuro e a maior distância.

Censura — Crítica austera anônima e oficial do pensamento alheio (se isto for cortado, será mais uma prova do que digo).

Desembargador — Juizes na Corte de Apelação. Porém, contudo, nunca ter sido, nem haver de ser juizes. Basta que possuam saber notório e virtudes excelsas a sabor dos Governos devidamente autorizados pelo Congresso.

Desfalque — Incidente muito comum nas repartições fiscais e casas de negócio. Antigamente, apurado o crime, padeciam os reus severíssimas penas, alias inutilmente conservadas nas leis atuais.

Tempora mutantur.

Emergência — (Vide Estado de Sítio).

Estado de Sítio — (Vide Emergência).

Inquérito — Devassa para se apurar qualquer delito escandaloso. No louvável intuito de se evitarem punições desagradáveis, os resultados dos inquéritos podem permanecer secretos, a bem da ordem, até segunda ordem.

Interino — Diz-se do empregado público que substitui outro durante vários anos, podendo por isto lucrar acumuladamente e outros proventos que por lei são vedados aos efetivos.

Irrevogável — Adjetivo habitualmente empregado, quando alguém anuncia a sua resolução de abandonar um cargo por julgá-lo incompatível com os seus princípios. Depois revoga-se o irrevogável.

Juvenil — Qualificativo estragado pelo uso popular. Há vocábulos primitivamente ignobis e que depois se dignificam e exaltam. A semântica cita como exemplo a palavra Sublime. Outras vezes sucede o contrário. Juvenil, que outrora apenas envolvia uma referência à mocidade, hoje em dia tomou acepção ridícula e depressiva. S'ria curioso estudar a degradação deste significado.

Kágado — Conhecido quilônio, cujo nome os srs. Silva Ramos e Mario Barreto porfiam em escrever com a letra e, fazendo questão do acento. Entre os nossos indignos era este animal o símbolo da sabedoria, talvez por que nunca fala e quando entrevistado, logo recolhe a cabeça. Já houve quem o propusesse como exemplar da tardança no expediente de algumas repartições, como, por exemplo o Departamento Nacional do Ensino, no qual durante setenta e cinco dias foi demorada a informação sobre os papéis de um concurso no Colégio Pedro II.

Resignatário — Diz-se do prelado que resignava a sua ju-

rização, conservando, no entanto, a autoridade espiritual. Modernamente o termo se acha adotado para significar um ministro que, durante a sua gestão, se limitou a subrevertar-se de outro mais poderoso. Claro está que, nestas condições, também perdeu a força espiritual e só fica com direito a qualquer compensação espiritualosa.

Trindade — Ilha deserta, um quase, a qual, sem nenhuma razão, nos foi disputada pela Inglaterra. Enquanto esta a colonizava, não consta que jamais pura lá fossem mandados quaisquer suspeitos políticos.

Variação — Moléstia horrorosa, mas já completamente debelada nos países cultos. Entre nós, no quadrênio findo, fez bastantes vítimas, mas unicamente porque o soro imunizante, por descuido muito natural, perdera a sua eficácia durante a ausência do chefe supremo da Saúde Pública.

Zé Pavinho — Designação vulgar o populacho que nunca a toma como irrisória, contentando-se de pagar impostos e fingir que vota. Há exemplos de reivindicações populares, em verdade temerarias; mas de ordinário unicamente servem para justificar tiranias subseqüentes e inculcadas como defensoras da ordem. Os povos judiciosos estudam os fatos, pacientes lhes preparam o remédio e acima da violência colocam a propaganda. Patience e longueur de temps font plus que force au que rage.

Jose de Anchieta veio ao mundo, como não ignorais, na cidade de Laguna, antiga capital do arquipélago das Canárias, situada na ilha de Tenerife, onde se eleva o famoso pico de Teide.

Nascido no dia de S. José, aos 19 de março de 1534, exatamente o ano em que D. João III completava os lineamentos do seu projeto de povoamento do Brasil, segundo o plano das capitulções hereditárias, Anchieta foi rebido pelos Jesuítas, na sua casa de Coimbra, no dia 1 de maio de 1551. Causa extraordinária para os nossos tempos!

Os portugueses de então não faziam religião, a menor diferença entre religiosos incultos e estranhos! O novo filho de S. Ignácio foi tão bem recebido como se tivesse visto a primeira luz em terras de Portugal; e o provincial Simão Rodrigues não pôs o menor embaraço a que, de mistura com os outros religiosos, visasse o jovem Anchieta trabalhar no Brasil, quando para cá foi despachado D. Duarte da Costa, segundo governador.

Seriores, sei que falo a canções nasas lidas na história pátria para que julgue necessário, já não durei uma narração desenvolvida, porque esta demandaria longas horas, mas um esboço sequer dos trabalhos de Anchieta em nosso país. Ele foi visto onde quer que o exigiam os interesses da religião do nascente Brasil. Catapultou e selvagem e, pela palavra e pelo exemplo, sençou a moralidade dos primeiros habitantes. Foi o elo de paz, foi o iris da aliança entre o colono ávido, lascivo, desumano e o selvático suspirioso, traçoireiro e feroz.

Este frade estrangeiro, tendo começado o seu serviço de catequese na Baía, passou-se à capitania de S. Vicente, onde, a 25 de janeiro de 1554 se dizia, em uma paupérrima e estreitíssima casinha a missa comemorativa da conversão de São Paulo. Foi este o berço do colégio da cidade e da capitania de São Paulo, depois província, hoje Estado do mesmo nome e, certamente, uma das regiões mais prósperas do nosso Brasil.

De como ali viviam Anchieta e outros frades estrangeiros das testemunhas as memórias coetâneas. Um casebre feito de paus e barro, coberto de sapé, servia ao mesmo tempo de escola, de enfermaria, de refeitório, de cozinha e de despensa.

Em poucas e singelas palavras, não dirigidas à posteridade, à qual, decerto, jamais imaginou que chegariam chegar, Anchieta nos dá

uma idéia de tamanhas penúrias.

"Em tais estreituras nos achamos em verdade colocados (creveu ele) que é muitas vezes necessário aos irmãos explicarem a lição de gramática no campo; e como ordinariamente o frio nos acomoda da parte de fora, e dentro de casa o fumo, preferimos sair e incomodar o frio de fora do que o fumo de dentro". Que opulência, senhores, a desses religiosos estrangeiros!

E como a toleravam? Longe de com tal pauperie anojá-ss, dizia Anchieta: "Não invejamos os espaços apovados de que em outras partes gozam os nossos irmãos, pois Nosso Senhor Jesus Cristo se colocou em mais estreito lugar e dignou-se nascer em pobre mangueira, entre dois brutos animais, e morrer em última cruz por nós". (Carta inserida nos "Annuaire da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro", Vol. I).

Acrescia à pobreza o excesso de trabalho: "Muitas vezes, conta o missionário, — para acudir a baltar ao confessar um escravo de um português, se andam seis ou sete leguas a pé, e às vezes sem comer..." Informações e fragmentos históricos do padre José de Anchieta, Rio, 1886, pág. 20).

Não há quem não tenha ouvido falar na confederação dos tambores, tão importantíssimo da nossa quadra colonial, e do qual fez uma epopéia o gênio de Gonçalves Magalhães, visconde de Araguaia. Aos franceses que tentavam estabelecer-se nesta nossa baía de Guanabara, coligaram-se os Tambores Conciliados, pela habilidade do recente invasor, os indígenas constituíam um perigo formidável para os portugueses. De uma e de outra parte faziam-se temereros aprestos. O sangue humano lá corria a jorral. Ora, foi nestas conjunturas que o frade estrangeiro José de Anchieta se ofereceu para desarmar com a palavra o índio ofendido e vingativo. Southerly, o historiador insuspeito, porque era protestante, opina que "de mais prósperas embaixadas nunca ulgruero se encaregára".

Anchieta parte em um navio do genovês Francisco Adorno. Veleja para Ubatuba que naquele tempo se dizia Iperoliz. Quando o barco se aproximava da costa, estava ela cobrada de gente terço breveida... Parou um "meeting" (risso). Tomam os índios enos e dispõem-se a agredir o navio de Anchieta. O frade estrangeiro aparta-se do acas e apressa-se a esconder. Como arma única

revela bem alto o Crucifixo, a imagem do sacrifício resignado, ensinando aos homens todas as resignações no sacrifício. Diante desse homem, tão avaro em sua fraqueza corporea, heilam as coléras mais impetuosas. Concede-se em ouvir-lo, o que já era uma vitória para a causa da paz. Ouvi-lo. Celebra-se o armistício. Confinado na leilada daquelas falas da natureza, o padre deixou levar por eles, e entre eles permanece como refém. Tãmanha coragem subjugou, conquistou a admiração dos bravos, amannia dura angaria a afiação dos mais desconfinados. Celebra-se o fim do pacto... Estava ligada a mancomunação dos novos invasores, estava salva a incipiente América Portuguesa. Para tal fim, em poucos dias ter-se-ia mandado um diplomata, o, pior ainda, um genral com seus soldados — e o sangue houvera corrido. Então mandou-se um religioso e tudo se pacificou. Confessai, senhores, que este frade estrangeiro não pouco fez pela causa de Portugal e do Brasil! (Aplausos).

Não foi tudo. Quem hoje passa pela praia de Santa Luia vê um edifício notável, o Hospital da Santa Casa da Misericórdia. Quais as primórdios da instituição que hoje ali tem o seu principal estabelecimento, nos refere no seu "Santário Mariano". Frei Agostinho de Santa Maria, São Pousas Linhas, permiti que vos cite: — "Pelo ano de 1552 (dis o cronista) se entende teve principio a Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, ou pouco antes; porque neste ano chegou aquele porta uma armada de Castela, de que era general Diogo Flores Baldez.

Com os temporais pariecer esta armada muito, porque lhe adoeceu muita gente. Achava-se naquela cidade o veneravel padre José de Anchieta, visitando o colégio que ali teve a companhia, fundado no ano de 1567. E como o veneravel padre José de Anchieta era varão santo, levante da caridade, tomou muito por sua conta a cura e o remédio de todos aqueles enfermos. Ando lúca como se lhas acasmasse uma casa, em que pudsem ser curados todos e assistidos — entendendo muitas que então tivera principio a Casa da Santa Misericórdia, que hoje é nobilíssima". (Op. cit. vol. X).

Em Curitiba, que depois foi Bevenente e hoje tem o nome de Anchieta, faleceu este religioso estrangeiro a 9 de junho de 1597. ("Páginas Escolhidas", v. I, 9).



Carlos de Laet. Retrato da velhice. (Encontra-se no volume 7.º dos "Discursos Acadêmicos").

Carlos de Laet

CARLOS DE LAET — HUMBERTO DE CAMPOS

ESPIGAS HISTÓRICAS

x

C. de L.

A 30 de novembro de 1872, reunidos os professores, alunos e convidados, na antiga Escola Central, hoje Escola Politécnica, e presente Sua Majestade o Imperador, começou o secretário do estabelecimento a chamada dos novos engenheiros, para entrega dos diplomas. A turma era pequena, e, entre os demais, o funcionário proclamou:

— Carlos, Maximiliano Pimental — Malagueta de Laet!

Ao ouvir esse nome tão original, fabricado pela perfídia do crânio, o soberano voltou-se. Os professores sorriram, vingando-se do filho. Também, que se espantou da mesa um moço de pequena estatura, sorriso de ironia no canto do lábio, oração pelos vícios e cinco anos, e que havia sido, na vigência do curso, o terror dos colegas e a implacável palmatória dos mestres.

Antigo aluno do Pedro II, onde tivera como companheiro de banco e de banca o saudoso Rodrigues Alves, Carlos de Laet havia sido, ao lado deste, o melhor estudante do seu tempo. Espirituoso e, verdadeiramente, perverso, tornara-se a espada pendurada sobre o fio sobre a cabeça dos lentes; tais eram, porém, as suas qualidades de estudioso, a paixão, a sede, a fome com que se consagrava aos livros, que lhe não foram recusados o título de primeiro aluno da turma, e, mais tarde, na Central, entre louvores, uma honrosa carta de engenheiro civil.

De posse do canudo, Laet despediu-se dos professores.

— Onde vai exercer a sua profissão? — indagou um deles.

— Eu?

E arguendo a mão para o teto:

— Vou levantar castelos... nas nuvens!

Esse programa, que parecia uma pilhéria, tem sido, por uma ironia do Destino, perfeita realidade. Escritor brilhantíssimo e polemista vigoroso, poderia ter sido, no Império, deputado, senador, ministro, conselheiro de Estado. Admirado pelo Imperador, que lhe reservava uma cadeira a seu lado nas palestras semanais, possuía, no Paço, um prestígio incontestável. Ao lado, porém, do engenheiro, que construiu, havia nele, sempre, o satírico, que demolia a sua franqueza. Ironia era o seu mal. As vezes, Pedro II lia um soneto, ou uma tradução de Homero ou de Virgílio. Ao terminar, multiplicavam-se os elogios, os aplausos, as palavras de admiração. Um homem apenas, no meio de tudo isso, permanecia em silêncio, um sorriso misterioso ao canto da boca.

— E o senhor, que diz, doutor Laet? — indagava o soberano, com a sua vozinha fahnosa.

O moço engenheiro, já professor de português do Colégio Pedro II, voltava-se para o monarca, e escandalizava o auditorio:

— Muito bem! — dizia.

E logo, em seguida:

— Mas Vossa Majestade pode fazer melhor!

Após essa observação, fazia Carlos de Laet uma infinidade de outras, cada qual mais perversa, ao ouvido dos outros convivas.

— Imagine — soprava ele a Franklin Doria, — imagine que seria deste país se, em vez de termos no governo o Imperador Pedro II, tivéssemos o poeta Pedro de Alcantara?

Ferino e impiedoso, não poupava a ninguém.

— Laet — dizia o visconde de Ouro Preto, recordando o famoso sermão de Vieira, — é como a piranha.

E diagnosticava:

— Morre pelo dente!

A volúpia da ironia, que era nele quase genial, constituía, realmente, e constituía sempre, o maior inimigo da sua prosperidade política. Adorando a bou-

phília, o dito malicioso, a expressão caricatural, preferia sacrificar um emprego, uma cadeira de ministro, e o próprio trono se lho dessem, a privar-se do prazer, diabolicamente encantador, de fazer a perfídia. E como havia sido, por mais de uma vez, atingido pelas setas desse Juvenal maravilhoso, o Imperador fazia o possível para impedir o surto político do jornalista, admirando, embora, vivamente, os múltiplos talentos do escritor.

A situação de Carlos de Laet na "Tribuna Liberal", em que levou à pé, várias vezes, o gênio de Ruy Barbosa, chegou, porém, a impo-lo de tal forma ao seu partido, que este o apresentou deputado, na mesma legislatura, por duas províncias. Eleito por uma e outra, ia optar para assumir o mandato quando ruíram dos castelos do engenheiro: proclamou-se a República, nas vésperas exatamente da posse do novo legislador, ficando o grande jornalista liberal, de novo, a olhar o areal sobre o qual edificara sem proveito. Informado da queda do regime, Laet, que não ignorava as prevenções do Imperador, sorriu, com ironia.

— Que homem rancoroso! — exclamou.

E definindo o seu pensamento:

— Preferiu sacrificar o trono, proclamando a República, a consentir que eu penetrasse na Câmara!

Com a nova forma de governo e o advento de uma avalanche política pouco espiritual, e ainda menos espirituosa, recolheu-se Laet ao magistério, lecionando a sua cadeira de português no Pedro II, mantendo, entretanto, o contacto com o público por intermédio do seu "Microcosmo", famosa seção nascida no "Jornal do Comércio" e transportada, mais tarde, para o "Jornal do Brasil". Floriano não gostou, porém, de certa pilhéria do sebastianista irreverente, e mandou prendê-lo. Laet fugiu para Minas, como tantos homens de letras não compreendidos pelo ditador. Floriano fez publicar edital, intimando-o a assumir o exercício da sua cadeira. O professor ficou nos domínios de Cesarão Alvim, foi demitido "por abandono de emprego", escreveu um livro sobre as cidades que visitara, e, quando restabelecida a ordem legal, voltou ao Rio, foi para ser reintegrado, recebendo, então, cerca de cem contos de réis, de vencimentos atrasados.

— Floriano, — disse ele, então, — foi o meu grande benefactor: mandou-me para Minas, cuidar da saúde, ensinando-me, ainda, a virtude da economia.

E com a sua anção de católico:

— O Diabo o conserve no Inferno... sob estado de sítio!

Conformado com o regime, e restabelecida a sua situação literária, tornando-se o mais temível dos polemistas brasileiros, Senhor de uma cultura variada e profunda, entreteve discussões tremendas com quase todos os escritores do seu tempo. Autor do "Cântico dos Cânticos", livro de versos anacrônicos, publicados na mocidade, meteco do nobre e encarou, desassombrado, os mais terríveis adversários. E não houve um só, nas letras como na política, incluindo mestre Ruy, que não salsse, de carreira, em busca do vinho de Ferrabaz, para curar, com ele, as feridas profundas abertas pela espada de Oliveiras.

Fundador da Academia, não poupava, jamais, os colegas. Certo dia, apresentou, ali, um projeto, autorizando a entrada das mulheres no quadro dos "imortais". Combatida a idéia, sob o pretexto de que não havia cadeiras vagas, saiu a defendê-la.

— O meu nobre colega labora

em erro, — disse. — E' porque não há cadeiras vagas que eu proponho, agora, a entrada das mulheres, não dos homens.

E com a gravidade:

— As mulheres tem uma vantagem: entram com as "cadeiras".

Por ocasião do concurso de poesia que tanta celeuma levantou nos meios literários, em que foram premiadas duas poéticas, foi proposta a anulação do certame, sob o pretexto de serem conhecidos, já, os nomes dos concorrentes. Aludido com essa idéia, Carlos de Laet chamou em particular o autor do projeto e protestou:

— Não faça isso. Para nos, sério pior.

E abrindo os braços:

— Como é que nós, juizes de uma causa em que figuram senhores, vamos declarar, em público, que não podemos julgar por conhecermos as "partes"?

As suas definições políticas não são menos encantadoras, nem menos perigosas. Toda a gente sabe o que é, no Brasil, o problema da sucessão presidencial. Dois anos antes da terminação do mandato de um presidente, já se briga pela escolha do seu sucessor. Comentando esta levandada dos políticos, sentenciou Laet, e certa vez, com a sua felicidade habitual:

— A República é uma besta que pade de quatro em quatro anos, e leva dois anos com as dores do parto.

Entendíssimo em teologia, recebeu do Vaticano o título de Conde. E ninguém o possuiu, hoje, tão mercedadamente. Apesar da sua diacridade, ninguém tem, neste país, caráter mais íntegro, coração mais puro, espírito mais reto, mais nobre, mais alto.

O Laet é São Francisco de Sales, que vestiu a pele do Demônio para poder visitar o mundo! — afirmava, uma vez Coelho Neto, ao ouvido de Afrânio Peixoto.

E é assim mesmo. Afastem os espíritos que formam, aparentemente, aquela molta fervilhante de vespas, e encontrarão, dentro, um rosal, em que cada abelha guarda, por trás do ferrião, a doce gota de mel...

CARLOS DE LAET NA OPINIÃO DE VIRIATO CORREIA

A despeito do ardor religioso, daquele catolicismo badalante e até mesmo agressivo que conservou até morrer, Laet teve, como ninguém neste país, um gosto e um jeito infinitos para ser estalajadeiro do diabo. No bloco de sua pena viviam regaladamente não só as entidades galantes como as divindades infernais: os Arieis, os Arlequins, os sacis-pererês, os Malasartes, os Mefistófeles, os Balzebus.

Não se registra nas letras nacionais escritor mais malicioso. Ao mesmo tempo, porém não se encontra em páginas brasileiras deleite maior que o fino deleite do seu estilo e do seu humorismo — estilo harmonioso, transcendido, volátil, átilo na simplicidade e clássico na limpidez vernácula — humorismo de juvenildade e de estudantina, de vestimenta fidalga e de assobios de Gavroche, que pula aqui, catuca ali, piparoteia acolá; humorismo que belisca, que morde, que afimta, que farruca, que cintila, que esturfa.

(Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. "Revista da Academia". Vol. 33).

Era feio; mesmo horrendo!... Mas que talento não tinha! Quem o ouvisse discorrendo jamais o riso continha! Apesar de epigramático, vivera incólume, ileso, pois se tornara simpático ao bom rei da Libia. Creso, que o amava o protegia, por causa do seu talento, e porque dele fazia seu maior divertimento. Conhecendo a perspicácia do meu leitor, eu me poupo ao trabalho, e mesmo a audácia, de dizer que este "ale" é Esopo. Mas o mau fado inclemente, com que o mundo vai raso, fez de Esopo, um padecente, um marlir.

Ora eis o caso: Creso, o Grande, se aprestava contra Creso, o rei faustoso, a quem há muito voltava ódio tenaz, rancoroso. Prevendo já que em Timbreia cairia do pináculo do poder, tem Creso a idéia de ouvir conselhos do oráculo.

Foi Esopo (despachando para Delfos, em mensagem; porem lá, tendo irritado o poro pela linguagem franca, livre e audaciosa, de que abusava sem medo, sofreu morte pavorosa, atida de um rochedo).

Esopo, em mortal afego, disse expirando: — C. de L. — o que significa em grego: "Minha alma busca outra Pele!..."

Ora, andou de Esopo errante pelo mundo a alma em canceira, a buscar de instante a instante, outro corpo, onde, lampeira, fosse aninhar-se contente, até que vendo C. de L. sem mais, nem mais, de repente, encarnou-se-lhe na pele.

E assim ficou satisfeito, após anos, o pedido que por Esopo

foi feito no derradeiro gemido.

Aquela frase dizendo, Esopo ao mundo legava aquele que estamos vendo, armado de opida aljava, não como o Amor propriamente, mas como Esopo, o concusado, ferido e alegrando a gente, na fina frase profunda.

Tendo de Esopo a venemência nos sarcasmos mais mordentes, perdeu da nobre ascendência — a concusada e mais os dentes. — Recebeu também na herança dos legados: — uma guerra contra o oráculo, e vingança da derrota que na terra sofrera Creso, o Opulento, quando teve a triste idéia de ir buscar o seu tormento na batalha do Timbreia.

Como temos um oráculo, no Microcosmo ele esprenhe-o, fazendo guerra ao cendado, ao sempre lembrado Grémio.

E por lembrar-se de Creso, dá tiro, tiro e mais tiro, na sinagoga sempre lés, contra quem se chama Creso!

Tem do chiste a ingente clava que o fabulista eterniza: — Se Esopo fabulista eterno; — Se Esopo fabulista, C. de L. "microscômica".

Sem que o bom leitor se enfade, duas fábulas eu conto para mostrar a identidade desta Espiga que ora aponto:

ESOPO E O BURRO

Dom Burro Esopo encontrando, Faz-se grave e majestoso. E lhe disse: — Esopo, quando Há de ser mais carinhoso?

— Desejo, Esopo, um pedido Fazer-te... Eu quero, preciso Que me pantes bem provindo De talento e de juízo.

Responde Esopo: — oh, farsista! Pra que o mundo inteiro creia Que tu és o moralista. Eu o burro que escouvei?!

C. de L. E ALGUEM

* *

— Porque me cortas na pele, Porque assim me morderas tanto? Diz alguém, banhado em pranto, Ao "Microcosmo" C. de L.

— Eu, morder?... Sim! não duvido! Responde ele: estou de acordo... Mas, meu caro, eu mordo eu mordo, Que é para não ser mordido!

MORALIDADE:

Não busquem, leitores cábulas, Alusões, que isso é maldade! Das duas pequenas fábulas Eis toda a "Moralidade".

D. FUNCAS

(Novidades de 7.5.1937).

O ADEUS DA ACADEMIA A CARLOS DE LAET

Discurso do sr. Rodrigo Octavio, presidente da Academia, pronunciado no cemitério de S. Francisco Xavier, na tarde de 8 de dezembro de 1937, ao baixar à sepultura o corpo de Carlos de Laet.

Senhores. E' sob a mais funda emoção que ora quebro o silêncio desta cerimônia. A Academia Brasileira, as letras nacionais, o Brasil perdem, com o querido morto de hoje, uma de suas mais fulgurantes figuras. Batalhador impertinente, alma de bandoleiro, em busca sempre de novos campos, de novos horizontes, jamais fugindo da luta nem sentindo cansaço ou desfalecimento colhe-o a morte em plena atividade intelectual, a despeito do peso de oitenta anos sem repouso, vividos todos sob a asperidade de nossos verões tropicais.

Reservou-se para decepcionar na morte; e fechou os olhos seguro da que, para guardar memória de seu nome e do proveitoso labor de seus dias, estava indelevel no registro da História o sulco insuperável de sua passagem pela vida.

A hora rápida desta cerimônia não comporta mais que exressões de saudade e palavras de adeus. A hora da glorificação virá mais tarde. A Academia Brasileira, cujos trabalhos Carlos de Laet, humilhou por três décadas com as entilidades do seu espírito e com a contribuição de seu saber, vai sentir, dolorosa, o vazio que ele e sua inaterrível A. M. M. personalidade, seu admirador e amigo desde o início da minha vida pública, punge-me ver com sua morte em outras as últimas horas de minha precariedade. E' com a dor mais profunda e a mais sincera emoção que expiro o dever de trazer ao grande brasileiro, que ao baixa ao túmulo, o derradeiro adeus de seus companheiros de trabalho.

UM CAPÍTULO DE GEOGRAFIA HUMANA

Curiosas informações sobre um país quase desconhecido — Carlos de Caet

No afim de alistar os seus enormes domínios coloniais, a Grã-Bretanha, não satisfeita com o Hindostão, quis também conquistar o Império das Índias pelo Indo-China, anexasse o antigo reino de Birmânia e erigisse garras aguçadas até o extremo sul da península de Maláia.

Durante muito tempo figuraram nos livros de geografia os nomes de alguns Estados que, apesar de tudo, aí lograram manter a sua independência. Eram os pequeninos reinos de Siam, Salangor, Djohor, Pahang, e não sei se algum outro. Mas isso mesmo desapareceu. Não havia mais Maláia Indolândia. Entretanto, notícias recentemente colhidas em jornais ingleses, afirmam que, se o Estado de Salangor oficialmente reconhece, todavia ainda continua a realmente existir e nas suas interessantes circunstâncias.

Com efeito, não se deve ligar maior importância às denominações que o uso tal dando às formas de governo em várias nações. A Alemanha é em verdade uma República e intitulada "Reich", isto é, "Império", e há muitas outras Repúblicas e até mundialmente proclamadas, que não passam de legítimas autocracias, formidavelmente despóticas.

Os ingleses, que são os mais ávidos políticos do mundo, pouco se incomodam com as soberbias fúteis nos povos que eles dominam. Há no Hindostão uma imensa turba de Mahatmas, a quem são detraídos os grupos de "Mahatmas", o Reino de Salangor sobrevive, pacífico, e dele é que damos breves informes, extraídos de fontes insuspeitas.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DA REPÚBLICA-REINO DE SALANGOR

Talvez pela infiltração das normas e usanças britânicas, os Salangorenses deliberaram constituir-se sob uma forma de governo que, tendo todo prestígio da antiga realeza, melhormente atendesse às aspirações liberais do povo; e assim criaram uma série de autocracias que se sucedem de cinco em cinco anos. Cada rei ali governa republicaneamente não tanto tempo como Porfirio Díaz, no México, ou o Sr. Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul, mas enfim o tempo necessário para felicitar Salangor e as regiões adjacentes.

A escolha do soberano tem obedecido a diversos critérios. Uns são indicados pelo voto de algumas, e semelhante do que se entra sucedeu ao eufório fumífero de Roma. Outros são ligados à sorte e não tem sido os melhores. Não alonguemos a história dos singularíssimos processos postos em prática por essa nação original. Depois de feita e assentada a escolha, há uma grande cerimônia, em que todos os milhares Salangorenses estão reunidos, entram a dar mostras de incondicional adesão ao novo autocrata. Os povos, para tal fim adotados, são extraordinariamente significativos; batem com a mão esquerda na boca, para denotar que estão com fome, e estendem a mão direita, como quem pede a esmola de um pouco de arroz.

O rei de Salangor não desfruta as fórmulas garantidoras das liberdades públicas, e para o exercício do seu poder absoluto, tem o cuidado de a disfarçar, mais ou menos decorosamente. Há, em Salangor, uma espécie de Conselho Nacional que periodicamente se reúne; nem fazem magistrados, aos quais incumbem distribuir justiça, tanto quanto lhe permitam as mais convenientes da ordem pública.

COMO, EM SALANGOR, SE CONCILIA A LIBERDADE E A ORDEM. — ADMIRÁVEL SISTEMA QUE, MAIS DIA ME-NOS DIA, TERÁ DE SER IMITADO PELOS OCIDENTAIS

Faladores e irrequietos como por natureza são os habitantes de Salangor, bem se compreende quão grave fora o perigo de se lhes deixar franca a toleia em desobediências, que logo se tornariam demagógicas e abominavelmente subversivas. Impedidas fora entretanto, um erro: e as supremas autoridades desse país, mais subletores da história política da Europa do que em geral o são, os europeus em relação às coisas do Oriente, não desconheciam o triste caso de um Carlos I, na Inglaterra. Suprimir parlamentos afugurou-se-lhes perigosíssimo; mas por outro lado, no intuito de lhes frustrar todo o influxo pernicioso, lançaram mão de um expediente tão prático quanto eficaz.

Resolveu-se que o Grande Conselho Nacional celebraria suas sessões em um circos empíssimo, em cujo pórtico, minuciosamente descrito pelos folhos ingleses, há figuras enormes de heróis, mais ou menos lendários. As atitudes de alguns desses colossos ornamentais pareciam protestos à crítica inglesa; mas é preciso dar o devido desconto ao posto oriental. Aquilo, em Salangor, deve ser tido por sublime.

No centro do circos há uma construção em forma de tribuna, de onde os oradores do Conselho falam aos circunstantes; mas, achando-se estes a uma distância de cerca de um quilômetro, totalmente se perdem as vozes dos tribunos e se lhes esmorecem os tropos por mais alucinantes que sejam projectados. Mediante esta engenhosa combinação de liberdade tribuniciana e abafamento autoritário saem todos satisfeitos e contentes: os discursos, por terem desabafado; e as posteadas, porque nenhum mal lhes causa o desabafamento inocente. As reuniões populares ou "meetings", tão ao sabor dos ingleses, não são nem proibidas, nem permitidas em Salangor. Podem ser convocadas tais assembleias, em que entrara trezejam os apóstolos da democracia; sendo, porém, cautelosamente detidos os que vão chegando a essa ardisca festança, claro está que ela jamais logra efetuar-se.

A INSTRUÇÃO PROGRIDE PORTUNTOSAMENTE EM SALANGOR. — INCRÍVEL PRECOCIDADE DOS MOCOS E LAMENTÁVEL DECADÊNCIA DOS HOMENS FEITOS

Após o advento de misteriosa personagem, que de improviso se ergue a elevados cargos e promulgou leis interessantíssimas, o ensino público em Salangor tomou esquisitas feições. Os varões de quarenta anos foram considerados cretinos e incapazes de ensinar, ainda que pudessem ocupar altos postos políticos e administrativos.

As crianças de dez anos, ou pouco mais, deixaram surpresas os jornalistas britânicos, que as interrogaram em sociologia e outras matérias abstrusas. Com o maior desembaraço dissertavam os pelizes, alongando-se em consideráveis filosofias sobre os deveres recíprocos dos cônjuges, as bases cristãs da Li-ga das Nações e a nacionalização do comércio a retalho.

A classe dos estudantes vice, contudo, algum tanto opressa, e sob penosas suspensões. Certo é que aos mocinhos bem comportados fornece o Estado roupas, passagens e dinheiro para diversos em países estrangeiros; mas os recalcitrantes tudo se nega, até mesmo o pão e água

do direito comum. Em Salangor o aluno mal procedido nunca pode obter o diploma da sua formatura, muito embora haja completado o curso, e durante um lustro (que em Salangor vale tanto como um século) tem de ficar em penitência, de joelhos junto da porta da faculdade em que estudou.

RELIGIÕES E COSTUMES

Várias são as seitas religiosas em Salangor. Não há religião oficial, ainda que os poderes públicos habilmente procurem servir-se do sentimento religioso como de "instrumentum regni". Alguns derviches ou sacerdotes muçulmanos levam o seu espírito conservador até ao ponto de abertamente condenar o direito de revolução, alias, dentro de estritos e razoáveis limites, reconhecidos pela filosofia católica. Nos inconfundíveis textos de Santo Thomas de Aquino, os Salangorenses, porém, mal conhecem a doutrina do Anjo da Escola.

CONCLUSÃO: FELICIDADE E ALEGRIA POPULAR NA REPÚBLICA-REINO DE SALANGOR

Não obstante o que acima fica descrito, não se pode negar que os Salangorenses sejam, ou pelo menos pareçam, felizes.

Os correspondentes ingleses aludem a uma grande festa esportiva que ali ocorre, e foi uma deslumbrante exibição de lustras elegâncias. A capital do Reino-Republicano conta cerca de 10.000 habitantes. Uma décima parte, quando muito, assistiu à festa. Onde estariam os nove décimos restantes? Provavelmente em seus lares, de onde às vezes são expulsos pelos proprietários inclementes. Mal tratados, padecendo não raro de crueldades da fome, os infelizes entretanto não se queixam, ou apenas o fazem sossegados e acullando as lágrimas. Pouco importa: desgracia que não se vê, é como se não existisse.

Felizes as nações nas quais, como em Salangor, os sofrimentos populares são vermes que, mortos, se achatem, e não expostos que, atirados, defonam!

("O Jornal" — 15-7-1926).

Cosme & Peixoto

O vel furibundo crítico

Que tem calçado a voroto
Não quer arrancar a máscara?
Quem será Cosme Peixoto?

Oh! quem quer que o saiba,
Idiga-mo!

Não sou nenhum cesto roto;
Não desvendarei o anônimo
Que guarda Cosme Peixoto.

Os seus artigos malévolos
Deram-me todos no goto!
Quem será o autor incógnito
Quem será Cosme Peixoto?

Tem boas longas, e o célebre
Chapéu do Chile, o maroto?
Vamos! Indaguem! procurem!

Tragam-me Cosme Peixoto!

Creio, e p'ra isso, ora pilhas!
Não é preciso ser douto,
Que há no crítico dois críticos
Cosme é um e outro é Peixoto.

GAUVROCHE

("Correio do Povo", de 28-4-1930).

REMINISCÊNCIAS MELANCOLICAS

CARLOS DE CAET

Passou, há dias o 5 de novembro, data que me trouxe à memória alguns fatos que infelizmente parecem esquecidos em nosso meio social, essencialmente futurista e menosprezador de tradições.

Realmente, se povos felizes, como opinou Voltaire, são aqueles que não leem história, com igual direito à felicidade se devem repular os que, possuindo-a e brilhantíssima, dela não curam e mestres se revelam na fácil arte de esquecer. ... E o nosso Brasil é um deles.

Nestas condições, o relembrar torna-se talvez importante, mas não deixa de corresponder a uma insólita exigência da justiça. Lembro, pois, me seja exhumar de recente passado duas flôres dignas de respeito e gratidão.

Em princípios de 1897, havia nesta cidade duas grandes folhas monarquistas: o jornal denominado "Liberdade" e a "Gazeta da Tarde", pouco antes adquirida por um grupo de cidadãos, dos quais o principal era o coronel Gentil de Castro.

Obedecera a criação do "Liberdade" ao desejo dos muitos Brasileiros que propagavam, mediante forma legal, a restauração do regime sediciosamente depositado em 1889. Prudente de Moraes, então Presidente da República, havia dito que nenhuma objeção se podia fazer contra essa aspiração, tão legítima quanto fora a dos republicanos que durante a monarquia abertamente propagavam as suas idéias nos jornais e nas tribunas populares.

Quando no Diretório Monarquista, de que fiz parte, se tratou da fundação do citado jornal, uma voz, a minha, pronunciou-se contra a oportunidade de tal fundação, pela nenhuma confiança que me inspiravam palavras do Governo não oficialmente registadas. Venceu o "Liberdade". sob a direção do Conselheiro Candidato de Oliveira. Não recuei, entretanto, o meu posto de perigo e fui nesse jornal um dos mais assíduos colaboradores.

Certo dia, achando-me eu no saguão do edifício, à rua do Ourador, no mesmo local em que funcionava a antiga folha liberal "A Reforma", de mim se aproximou um cavalheiro de simpático aspecto, que manifestou o desejo de se entender com alguém da redação. Perguntei-lhe com quem estava falando e declarou-me ser Carlos Bittencourt, ministro da Guerra. Com a deferência que merecia tão alta personagem, tomei com o general a saída da redação onde melhormente pudesse explicar o que ali o trazia. Compareceu no início da explicação o coronel Gentil de Castro. Sentado à minha mesa de trabalho, tive assim à direita o ilustre visitante e à esquerda o proprietário da "Gazeta da Tarde".

Reclamava Carlos Bittencourt contra um artigo em que fora acusado da indebita acumulação de vencimentos de ministro e de membro do Supremo Tribunal Militar; elava disposições legais em sua defesa e entendia que lhe era devida uma retificação.

Não estudei bem essa questão, respondi ao ilustre reclamante. O artigo, aliás, não foi inserido no "Liberdade" e sim na "Gazeta da Tarde", cujas publicações também acompanhavam o Conselheiro Candidato de Oliveira. Ambas as folhas seguem a mesma orientação política, mas podem não coincidir em pormenores. Assseguro, porém, a V. Ex., que todos nós francamente respondemos pelas nossas opiniões. O artigo em questão, posso, pois, diz-lo, foi escrito por um pene-ral como V. Ex. e igualmente

conhecedor de leis e regulamentos militares, o sr. Cunha Matos.

Sorriu-se o ministro da Guerra, observando que Cunha Matos era seu amigo pessoal e um da parente por afinidade, e indagou onde com ele se poderia diretamente entender. Palavras não e em dias, quando na sala entrou ruidosamente, como era seu costume, o general Cunha Matos, acolhido com a alegria que sempre inspirava a sua juvenil compostura.

Troncou-se então entre Cunha Matos e Carlos Bittencourt uma viva mas delicada polêmica, em que cada qual sustentava o seu modo de ver; e terminou o debate opinando eu que todas as questões expostas pelo sr. ministro seriam igualmente resolvidas pelo autor do artigo para definitivo juízo público, ainda que o articulista não abandonasse a sua opinião. Durante o coloquio, versando o modelo de franqueza entre homens que discutem não para amesquinharem-se, mas para chegar ao pleno conhecimento da verdade, por vezes interveio Gentil de Castro, que não era jornalista, mas homem de notável inteligência e apto para compreender qualquer assunto de relevância social ou política.

Assim, em princípios de 1897, por um incidente sem maior importância, estive eu lado a lado com dois homens, Gentil de Castro e Carlos Bittencourt, já signados pela Presidência, que os incredulos chamavam Desino a figurarem na história do Brasil em duas páginas lufuvas que eles deciam rubricar com o sangue das suas veias, sangue nobilíssimo porque foi o do martírio pelas causas que defendiam.

O "Liberdade" nunca foi o que ora se chama uma folha "amarcia". Ali estio, conquanto raras, as suas colções, desafiando a contradição do precedente aserto. Sem rebuio eram criticados os atos do Governo que mereciam censura; mas nunca se usou de nojentas diatribes contra os governantes. Para demonstrar o espírito que nos dominava, basta dizer, que do nosso chefe Candidato de Oliveira tinha-se completa autorização para, revendo os seus artigos, neles suprimir tudo quanto se me afigurasse ofensivo de quaisquer personalidades — no bre autorização de que não raro usei com aquiescência do escritor. Os artigos, aliás, do inquestionável publicista, quando tratavam de assuntos econômicos ou financeiros, eram de tal proficiência que varios deputados e senadores republicanos me diziam se lhes fazer tornava indispensável a leitura deles para se orientarem na discussão dos orçamentos.

Bastou, entretanto, a deplorável insurreição de Canudos para decidir da sorte dos jornais monarquistas. Um grupo de sertanejos maltratados e espolhados pela incuria do governo, acendeu, no sertão baiano, os impetus da resistência a mão armada. Espalhou-se então o escasso milhar de revoltosos constituiu uma legião innumerable de "sebastianistas", sob a chefia do Conde d'Eu! Gentil de Castro, no dizer desses infames caluniadores, para lá teria enviado dinheiro, bombas, artilharia e até oficiais agerridos... Logo era ileito concluir que patriótico se tornavam o assassinio de Gentil de Castro e a destruição das folhas monarquistas.

Foi o que se fez. Em 7 de março foram saltadas e destruídas as tipografias e redações dos jornais monarquistas; levados todos os livros e papéis ao largo de S. Francisco, ali ardeiram no que Rui Barbosa seberbeu como o Ray Barbois auto de

(Conclusão da pag. 12)

RETROSPECTO LITERÁRIO DE 1942

(Lido por Múcio Luso
na Academia Brasileira
de Letras, em sessão de
28-12-1942)

Iniciando este retrospecto das atividades da Academia Brasileira de Letras no ano de 1942, cabe-me, primeiro, registrar a eleição de três novos confrades para a cadeira dos correspondentes. Retornam as escolhas da Academia os nomes dos ares. Egas Múcio e João de Figueiredo, português e o de José Martins, francês. O sr. Egas Múcio, que veio substituir Carlos Malheiro Dias, é um dos grandes nomes da ciência jurídica, nos dias atuais, e desde então vindo sendo lembrado por suas obras e pela sua ciência, como um dos vultos mais dignos de figurar em nossos quadros. Escolheu-o a Academia com que um escritor que foi sempre, principalmente, um puro homem de letras, um jornalista e um romancista fosse substituído por outro escritor que foi sempre, primordialmente, um puro homem de ciência.

Quanto ao sr. João de Figueiredo, veio preencher a vaga de José Martins Rodrigues. Aqui, a escolha terá obedecido mais conscientemente a um critério de afinidades culturais. José Martins Rodrigues, por um dos seus muitos espíritos, era, antes, português, e aplicou os melhores recursos do seu talento e da sua erudição ao conhecimento das "Lusíadas". Eis um homem que teve um culto único na vida, não para esse culto, e fez todo o esforço da existência sob o signo do amor de El-Rei Camões. E pôde, assim, alcançar, que, ao abandonar a Terra, em fútil estado de espírito, não tenha levado ele aquela preocupação leve de Boticelli, a de ir buscar em algum recanto da terra de Satura... mas, não, a de ir buscar, encontrar, a sombra do túmulo de Inez de Castro, na cidade da Lusitânia. O sr. João de Figueiredo, no contrário, não veio Rodrigues, mas parece um critério suficientemente desvinculado dos valores humanos e não se trata de ele, avelutase para um culto único, mesmo que fosse o de divino Camões. Seu campo de estudos é muito mais vasto do que o vastíssimo campo que abrange a epopéia dos "Lusíadas": e todo o imenso edifício da cultura humana, pois a sua curiosidade nunca abrange todas as épocas e todas as latitudes. Dedicando, porém, como é natural, o melhor de sua atenção ao estudo das letras portuguesas, tem ele operado na mais precisa revisão de valores.

Quanto à eleição do sr. Jacques Múcio, ela obedeceu a imperiosa necessidade de ordenar a interseção e, talvez sobretudo de ordenar a interseção. Veio ele para a substituição de Guilherme Ferrero, escritor de obra e de extraordinária sedução. Ferrero esteve algum tempo, em nosso meio, no Brasil, e aqui foi recebido com o grande apreço que lhe devemos. Tornou-se amigo nosso e levou uma admiração entusiástica por Machado de Assis, Dantas de Jesus. Graças à Academia, a este último fazia questão de falar pelo pronomine tu, em suas reuniões parciais. Não receio dizer que a gratidão que o nosso país deve a Ferrero tem razões muito mais profundas do que em geral pensamos e creio que futuramente, quando puderem ser feitas estas revelações de sua correspondência, o autor da "Decadência da Roma", há de oferecer-nos algumas algumas reivindicações diplomáticas brasileiras da maior importância. Com a morte deste grande homem italiano, chamou a Academia ao seu selo Jacques Múcio. Não tivemos para o novo quadro o pensador arguto, que tem procedido a tantas análises penetrantes no espírito de nossa época. Trouxemos o estilista agudo e reconhecido. Trouxemos o filósofo atávico do "Princípio Espiritual", o crítico do bergsonismo, o intérprete do pensamento de Lúcio, Descartes e Rousseau. Mas trouxemos, principalmente, o homem autêntico da França autêntica e representante do velho povo que sempre nos tem abençoado com sua cultura maravilhosa de poetas, de sábios e de humanistas, o fraterno do sofrimento, da dor e do sacrifício dos dias de hoje, o francês, francês, que não perde a fé em meio das nuvens, o francês que, rebatendo-se no maior rio de lágrimas que jamais inundou uma terra, sem entretanto descer de seu pedestal de joia de vir a redenção e a vitória. Que Jacques

Martins o entenda bem, o pensamento da Academia, ao lançar para os seus quadros, foi o de eleger um dos representantes máximos do pensamento puro, no mundo atual; mas foi, sobretudo o de levar para a França, que todos amamos, a renovação do nosso jamais adormecido apreço...

CENTENARIOS

A Academia viu transcorrerem, no ano de 1942, os centenários de vários escritores galegos, brasileiros e estrangeiros. Dos centenários brasileiros, o que mais fundamentalmente falou a nossa instituição foi o de Franklin Távora. Nascera ele a 13 de janeiro de 1842, em Sauritiba, no Ceará, e foi escolhido para o cargo de, Carlos Bevilacqua. E, a sua, portanto, a sombra protetora que se estende sobre a cadeira n. 14 de nosso quadro efetivo, Franklin Távora é um dos nossos mais característicos, se o olharmos de um ponto de vista estritamente brasileiro. Seu campo de observação foi a região do Nordeste. Inspirou-se, frequentemente, nas lendas do povo, e o seu livro mais representativo e agudo em que está fixada a figura de temível Cabeleria, precursor de Antônio Silvino e Lampião. Franklin Távora teve, nitida, a ideia da separação do Brasil do Norte e do Brasil do Sul, e orientado por esse ponto de vista, deixou-se encantar de fábulas e despois contra a sua do Ovidio. No ardor do seu combate, tornou-se adverso a Alencar, embora o grande romancista fosse, tanto quanto ele, um representante autêntico do Nordeste, e particularmente do Ceará. E de certo uma incoerência digna de reparo que esse nordestino, todo preocupado com as coisas do Brasil, detestando tudo o que cheirasse a Europa ou a qualquer influência estrangeira, houvesse em dado momento, assumido uma atitude idêntica à do grande Castilho, ou a do aristocrático Nabuco, para guerrear o autor asperamente brasileiro de "Iracema"...

Igualmente passaram em 1942 os centenários de dois poetas, Luiz Delino e Lacerda Coutinho, e o de uma brilhante figura de homem público, Ubaldino do Amaral. De Luiz Delino seria óbvio dizer-se alguma coisa. Tem sido ele proclamado, em todos os tempos, um dos poetas máximos do Brasil. Não concorre da "Semana", realizada em 1885, para se apurar qual seria o maior poeta brasileiro, ele venceu o terceiro lugar. Obteve o primeiro lugar Gonçalves Dias e o segundo Castro Alves. Abaixo dele ficaram Cosímano de Abreu, Teófilo Dias, Varella, Alvares de Azevedo, e Alberto de Oliveira, que só obteve dois votos e Thomas Gonzaga, e Basílio da Gama, e Laurindo Rebelo, e Machado de Assis, que só alcançaram um voto cada um, e Olavo Bilac, e Raimundo Corrêa, e Vicente de Carvalho... que nem sequer foram lembrados... Luiz Delino era um lírico e um voluptuoso. Não quero deixar de reter aqui um dos seus sonetos, tantas e tantas vezes transcrito, mas que me parece uma das obras primas do gênero, na literatura de nossa língua — o "Cadaver da Virgem":

Detava no caixão como um leito,
Pulidamente fria e adormecida;
As mãos cruzadas sobre o peito

E em cada olhar sem luz um sol
(sem vida).

Pés atados com fita em nó perfeito,
De roupas alvas de selim vestida,
O torso duro, rígido, direito,
A face calma, lânguida, abatida.

O diadema das virgens sobre a testa,
Níveo lírio entre as mãos, toda enfiada,
Mas como noiva que casou da festa...

Por seis cavalos brancos arrancada,
Onde vai tu dormir a longa sesta,
Na moite cama em que te vi deitada,
[Mada?]

Luiz Delino era, entretanto, e carlinense, não também Lacerda Coutinho, cujo centenário do nascimento transcorreu em 16 de dezembro último. Esse poeta melancólico, tão austero e tão grave, foi um ardente apaixonado das letras

latinas, e especialmente viveu na latinista Roma de Ovídio. Compôs as "Ovidianas", levas "Melancolias", com um singular aparato de embelleçimentos mitológicos. Compôs, finalmente, um livro de lendas e contos, redução dos legados volumosos de São Grammaticus. E não deixa de ser interessante, para o estudioso do motivo shakespeariano do Hamlet, meditar as interpretações que a esse assunto deu Lacerda Coutinho. Ele foi, também, um poeta epigramático, talvez com certo parentesco incoerente com Elmano, e isso poderá ser demonstrado por alguns de seus versos, como estes:

JUZIZ CONCIENCIOSO

— "Ofícios de Justiça,
Inqui ralar esta gente!"
gritava em certa audiência,
irritado, o Presidente.

"Se continua o barulho,
Fica a sessão encerrada;
e já a decima centena
que joia-tem ouvir nada!"

LEGÍTIMA PROPRIEDADE

Dizem não ser do vigário.
Sermão que pregou tu bem.
Compro-o por bom dinheiro.
E dele, e de mais ninguém.

Nem Luiz Delino nem Lacerda Coutinho pertenceram aos quadros da Academia. O primeiro talvez porque nunca tivesse consentido em publicar em livro os seus versos, dispersando assim um dos tesouros mais opulentos de nossa poesia; o segundo porque... Mas que sei eu a esse respeito? Não sei nada, meus caros confrades. O que sei é somente o que todos vos ameis: a que Lacerda Coutinho tem ficado sempre à margem das cogitações dos críticos brasileiros, sem nem mesmo um lugarzinho nas pobres listas de referências a nomes vagos. E ele até hoje, um dos mais autênticos representantes da triste categoria do "etc.". Não terá chegado, agora, o momento de lhe fazer justiça, dando-lhe em nossas listas o lugar que ele merece? — E um pequeno, um ínfimo lugar, dir-me-ia, talvez, o velho poeta, com a sua desalentada modestia de todas as coisas. Mas — ainda assim — é um lugar que lhe pertence, não lho neguemos.

Vários outros centenários registraram-se no ano passado, trazendo à nossa instituição eminentes figuras de escritores, e de sábios estrangeiros. Na segunda sessão do ano, que celebrávamos a 9 de janeiro, o nosso querido presidente lembrou a figura de William James, o filósofo criador do Pragmatismo, cuja data centenária passava dois dias depois. Pelo mesmo do ano, Ruy Penteado celebrou, numa conferência, em sessão pública, a data centenária de François Coppée. Em fim de novembro, Manuel Bandeira evocou a obra de Stéphane Mallarmé, nascido também há um século. Ainda passaram em 1942, duas datas gloriosas das letras francesas: o centenário da morte de Stendhal e o cinquentenário da morte de Renan. Não foi possível fazer, na data exata, a comemoração dos dois escritores. Ouviremos, porém, em 1943, o elogio do autor de "Le Rouge et le Noir" feito por um dos mais entusiasmados brilantes desta casa, Ribeiro Couto. Provavelmente ouviremos, também alguma coisa sobre Renan, embora o acadêmico a quem está reservada essa encantadora tarefa não possa assegurar com absoluta honestidade que haja de desincumbrir-se dela.

De todos os centenários estrangeiros que a Academia celebrou no ano passado, entretanto, aquele que mais intimamente nos falou foi o de Antero de Quental. E uma das grandes vezes da poesia de nossa língua. Fico pessimismo, pela tristeza insita, pelo ângulo de desolação e dor, sob o qual olha a vida e observa as coisas divinas e as coisas humanas, ele tem uma afinidade muito profunda conosco, os brasileiros. E' conium com a dele aquela tristeza difusa que enche a alma dos nossos poetas, mais característicos — aquela difusa tristeza que está expressa em humorismo e leia um poeta como Álvares de Azevedo, ou em Raimundo Corrêa, ou Bilac da "Tarde", ou Augusto dos Anjos, é introspecção filosófica, aquela tristeza que cala sobre todos nós, e que encontra em

alguns dos nossos poetas modernos, rapsódica e exasperada como são, uma expressão patética. Antero foi o principal reformador do ambiente intelectual e moral de sua pátria, e a obra que ele realizou tem uma importância que nunca será suficientemente enalteçada. Podemos dizer, sem exagero, que ele — ele sozinho — foi a Revolução em Portugal. Sua influência fecundíssima está nas melhores espíritos portugueses de sua época; foi ele que tornou possível o aparecimento de um Eça de Queiroz, esse milagre, e o de um Ramalho Ortigão. No Brasil o impulso do Quental tem sido igualmente fecundo. Para comemorar essa grande figura, realizou a Academia uma sessão pública em 30 de abril, falando Clementino Praga.

SESSÕES SOLENES

Doas foram as sessões solenes que a Academia realizou: uma, em 21 de janeiro, para prestar sua homenagem aos Delegados da 3ª Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos; a outra para prestar homenagem ao general Aguiar P. Justo.

Na primeira, ouvimos cinco oradores, entre os quais dois brasileiros, nosso confrade João Neves e o chanceler Oswaldo Aranha. Os outros três foram os srs. Sumner Welles, Dantes Bellegarde e Enrique Guinazu, representantes, respectivamente dos Estados Unidos, do Haiti e da Argentina. Trouxe, cada um deles em sua língua natal, a mensagem da fraternidade e da esperança. Na segunda, falou Claudio de Sousa, sendo entregue ao general Justo as "Palmas Acadêmicas de Ouro".

VISITANTES ILUSTRES

Várias outras visitas ilustres recebeu a Academia Brasileira no decorrer de 1942. Registramos a de Rubens do Amaral, jornalista brasileiro, com assídua atividade na imprensa paulista, nosso confrade da Academia Paulista de Letras; a de John P. Vance, diretor, da Seção Jurídica da Biblioteca do Congresso de Washington; a de Monsenhor Barbieri, Arcebispo de Montevideo; a de Charles Thompson, escritor norte-americano; a do sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação e Saúde, que nos trouxe, como já disse o sr. Macedo Soares, uma sugestão prática sobre a questão do Vocabulário.

OFERTAS DE RETRATOS

Outras visitas ainda recebeu a nossa casa, visitas que não poderíamos esquecer, no momento em que recordamos os grandes dias do ano que está a findar. Algumas

delas tiveram significação muito especial para a alma da Academia, pois nos trouxeram alguma coisa que tinha lembrança queridas e amparadas. Assim, em abril, recebeu a Academia a visita do pintor Carlos Oswald, que trouxe uma oferta preciosa: um retrato, por ele pintado, de Humberto de Campos. Alvaro de Castro expressou, com a eloquência que tanto admiramos, a gratidão da Academia pelo gesto do artista genilíssimo. O pintor Romão Soares trouxe-nos outras ofertas preciosas, nos nos trazer os retratos de Amadeu Amaral, Guerra Junqueiro, Vicente de Carvalho, Paulo Strubel e José Veríssimo. O retrato de Amadeu Amaral foi inaugurado com excepcional brilho, tendo estado na Academia, para a repressiva solenidade, uma delegação da Academia Paulista, composta dos srs. Altino Arantes, Guilherme de Almeida e Sud Mennucci. Falaram, na ocasião, esses três oradores, a eles associando-se, no louvor ao encantador poeta da "Lusitânia Antiga", os nossos confrades Ribeiro Couto e Gustavo Barroso. Olegário Mariano ofereceu a Academia dois trabalhos que evocam dois dos nomes tuilares da casa: um retrato a óleo de Castro Alves, feito pelo pintor Joaquim da Rocha, Ferreira, e um medalhão de Castilho de Abreu. Também João Luso nos ofereceu dois trabalhos: uma caricatura de França Junior, feita por Teixeira da Rocha e uma paisagem a óleo de pena feita por esse artista genial que foi Raul Pompeia.

SUGESTÕES PARA VISITAS

Tendo recebido as visitas que acima referi, a Academia Brasileira sentiu-se satisfeita em ter acolhido em seu seio, embora em rápidos momentos, expressões verdadeiramente destacadas da inteligência, da cultura, do pensamento e do tempo. Ela aspirava, entretanto, a manter um contato mais permanente com as grandes expressões da poesia ou da sociedade do mundo de hoje. Assim, em uma de nossas sessões de abril, um dos nossos mais eminentes confrades apresentava uma proposta, pedindo que a casa manifestasse ao embaixador do Brasil na França que ouviriam os com o maior prazer as conferências que aqui tivesse pronunciado o sr. Lucien Labatut, diretor honorário do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual; assim, igualmente, em uma das últimas reuniões que realizamos, outro dos nossos mais previos colegas sugeria que expensas fossem feitas para que o sr. André Maurois (hoje nos Estados Unidos) todo o contentamento com que o veríamos vir ao Rio, para fazer aqui algumas conferências.

(Continua no próximo número)

DUAS CANÇÕES DE SILENCIO

I

Sente como o silêncio
Se fez de repente
Para o nosso amor
Horizontalmente...

II

Crê apenas no amor
E em mais nada
Cala; escuta o silêncio
Que nos fala
Mais intimamente; ouve
Socegada
O amor que desperta
O silêncio...

Deixa as palavras à poesia.

VINICIUS DE MORAES

ANTOLOGIA DA LITERATURA

MANUEL BANDEIRA

PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA

Manuel Bandeira, nasceu no Rio de Janeiro, no bairro da Copacabana, na rua que hoje se chama Joaquim Nabuco, em 19 de abril de 1896. É filho do dr. Manoel Carneiro da Souza Bandeira, que foi alto funcionário do Ministério da Viação e o sobrinho de Souza Bandeira, autor de "Estudos e Encontros" e de "Evoções". Membro da Academia, substituiu, "sua la coudade", de Martins Junior.

Aos dois anos, veio para o Rio, e aqui ficou durante quatro anos. Aos seis, está de novo no Recife, em casa do avô, o dr. Costa Ribeiro, moço que teve grande papel na questão religiosa, pois foi a sua expulsão da irmandade de Santa Antonia o início da luta em que D. Vital tão destemidamente defendeu as prerrogativas da igreja no Brasil.

É a essa idade que ele inicia os seus estudos primários, primeiramente com os irmãos Barros Barreto e depois no Colégio de Virgínia Marques Carneiro Leão. Aos dez anos, transfere-se para o Rio, entra para o Ginásio Nacional, e ali pertence a uma turma de estudantes que se chamavam Sonza da Silveira, Antenor Naveantes, Artur Moraes, Lopes da Cunha, etc. Souza Bandeira exerce, desde logo, o maior influência sobre o espírito do colega que já o considerava um mestre. Os professores daqueles rapazes são homens considerados do pensamento brasileiro; chama-se José Veríssimo, o professor de geografia, Síd. Alf., o professor de alemão, Silveira Ramos o professor de português, João Ribeiro, o professor de história.

Manuel Bandeira, a essa tempo, já fizera as primeiras tentativas literárias. Sem vindo mais velho tinha quatro anos mais do que ele quando, aos quatro anos, um jornal dedicado a corridas de cavalo — "O Sport", Manuel tinha dez anos, e já possuía alguma velocidade de homem de letras. Ali publicou seus primeiros versinhos, suas primeiras "ilusões humorísticas". Pena que "O Sport" fosse um jornal de apenas quatro números, hoje todos desaparecidos.

Findo o curso ginásial, segue para São Paulo, lá matricula-se na Escola Politécnica para fazer o curso de arquitetura. Nas férias do primeiro para o segundo ano, porém, adoece, e se vê forçado a interromper os

estudos. Empreende longas viagens, no Brasil e fora do Brasil, à procura de melhores pias, a saúde. Minas Gerais, Teresopolis, Ceará, depois, na Suíça, Chamonix, e aí, batendo a sua vontade e fazendo os seus dolorosos versos durante essas suas viagens de enfermidade.

Em 1917, está de volta ao Brasil, e publica seu primeiro livro a "Cinza das Horas" (do qual primeiramente pensou em dar o título de "Poemas melancólicos"). Já em 1912, por influência de Apollinaire, Guy-Charles Gros e Mac-Fiona Leão, começara a escrever seus primeiros versos livres (segundo sua própria confissão), o poema "Carinho triste", só publicado em 1924, fora escrito em 1912. Em 1919 publica "O Carnaval", em 1924, as "Poesias", em 1930, a "Libertinagem", em 1936, "A Estrela da Manhã", em 1937, as "Poesias escolhidas", e em 1940, as "Poesias completas". Prosador de constante atuação em vários jornais, ele reunia, em 1936, os melhores dos seus estudos de crítica e de história, no volume que intitulou "Crônicas da Província do Brasil". Tem publicado também duas antologias de poetas brasileiros, na coleção oficial do Ministério da Educação, e uma contribuição para as literaturas, em traduções que ora vem assinadas com o seu nome e ora aparecem sob pseudônimo, e numerosa e extensa.

Manuel Bandeira foi eleito, em 29 de agosto de 1940, para a Academia Brasileira, na vaga de Luiz Guimarães Filho, e ali foi recebido, em 30 de novembro do mesmo mês, pelo seu companheiro eleito, Ribeiro Couto.

Bibliografia da poesia de Manuel Bandeira

Manuel Bandeira tem publicado os seguintes livros de poesia:

- A Cinza das Horas (Versos) 1917. (Esgotado). Foi vendido na Livraria Leite Ribeiro e Maurilio, à rua de Santo Antonio, n. 3 Rio de Janeiro.
- Carnaval. 83 páginas, 1919. (Esgotado).
- Poesias. 303 páginas. Edição da Revista de Língua Portuguesa. Rio: 1924. — Contem: A Cinza das Horas — Carnaval — O Rito dissoluto. Esgotado.
- Libertinagem. 88 páginas. Paulo Pongetti e Cia. Rio. 1930. (Esgotado).
- Estrela da Manhã. 51 páginas. Rio. 1936. (Esgotado).
- Poesias Escolhidas. 206 páginas. — Civilização Brasileira Editora. — Rio. 1937. (Esgotado).
- Poesias completas. 178 páginas. Civilização Brasileira, S. A. Rio. 1940. — Contem: A Cinza das Horas — Carnaval — O Rito Dissoluto — Libertinagem — Estrela da Manhã — Lira dos Cinquentanos.

VERSOS ESCRITOS NA GUARDA

Os poucos versos que ai vão, Em luz de outras e que vão. Tu que me les, deixo ao teu sonho Imaginar como serão.

Neles poras tua tristeza, Ou bem teu júbilo e talvez, Lhas acharas, tu que me les, Alguma sombra de beleza...

Quem os ouviu não os amou. Meus pobres versos amovidos! Por isso fiquem esquecidos. Onde o mau vento os afluou.

INSCRIÇÃO

Aqui, sob esta pedra, onde o orvalho correja, Repousa, embalsamado em óleos vegetais, O alvo corpo de quem, como uma ave que adeja, Dançava descuidosa, e hoje não dança mais...

Quem não a viu é bem provável que não veja Outro conjunto igual de partes naturais. Os seus tinham-lhe clumo. Outros, tinham-lhe leveja.

E ao fitá-la os varões tinham pismos sensuais. A morte a surpreendeu um dia que sonhava. Ao por do sol, deixou entre sombras fiéis A terra, sobre a qual tão de leve posava...

Bram as suas mãos mais lindas sem anéis... Tinha os olhos azuis... Era loura e dançava... Seu destino foi curto e bom...

— Não a choreis.

CHAMA E FUMO

Amor — chama, e, depois, fumaça... Medita no que vais fazer: O fumo vem, a chama passa...

Gozo cruel, ventura escassa, Dono do meu e do teu ser, Amor — chama, e, depois, fumaça...

Tanto ele queima e, por desgraça, Queimado o que melhor houver, O fumo vem, a chama passa...

Paixão puríssima ou devassa, Triste ou feliz, pena ou prazer, Amor — chama, e, depois, fumaça...

A cada par que a aurota enlaça, Como é pungente o entardecer! O fumo vem, a chama passa...

Antes, todo ele é gosto e graça. Amor, fogueira linda a arder! Amor — chama, e, depois, fumaça...

Porquanto, mal se satisfaz (Como te poderel dizer?... O fumo vem, a chama passa...

A chama queima. O fumo embaça. Tão triste que é! Mas, tem de ser... Amor?... — chama, e, depois fumaça: O fumo vem, a chama passa.

A CANÇÃO DE MARIA

Que é de ti, melancolia?... Onde estás, cuidados meus?...

Sei que a minha alegria É toda vinda de Deus. Dêtem-me triste e sombria, E amanheci como estou... Tão contente! Todavia Minha vida não mudou. Acaso enquanto dormia Esquecida de meus ais, Um sonho bom me envolvia? Se foi, não me lembro mais... Mas se foi sonho, devia Ser bom demais para mim... Senão, não me sentiria Tão maravilhada assim.

O' minha linda alegria, Trêgua dos cuidados meus, Porque não vens todo dia, Se és toda vinda de Deus?

ELEGIA PARA MINHA MÃE

Nesta quebrada de montanha, donde o mar Parece manso como um recôncavo de angra, Tudo o que há de infantil dentro em minh'alma (sangra Na dor de ter visto, ó Mãe, agonizari

Entregue à sugestão evocadora do ermo, Em ponto rememora o teu lento martírio. Até quando exalaste a ardente luz de um eiró, A alma que se transtila atada ao corpo enfermo.

Relembro o rosto magro, onde a morte deixou Uma expressão como que atônita de espanto (Que imagem de tão grave e prestigioso encanto Em teus olhos já meio infânicos pa-sou).

Reveja os teus pequenos pés... A mão franzina... Tão musical... A fronte baixa... A boca exangue... A duas gerações passara já teu sangue. — Eras avó —, e morta eras uma menina.

No silêncio daquela noite funeral Onco a voz de meu pai chamando por teu nome. Mas não posso pensar em ti sem que me tome Todo a recordação medonha de teu mal!

Tu, cujo coração era cheio de medos — Têmias os trovões, o telegrama, o escuro — Ah! pobrezinha! um fim terrível, o mais duro, E' que te sufocou com implacáveis dedos.

Agora se me despedaça o coração A cada pensamento, e o revivo cem vezes. É cho-o neste instante o pranto de três meses (Durante os quais sorri para tua ilusão!).

Enquanto que a buscar as solitárias ânimas. As mágoas sem consolo, as vontades quebradas, Voa, diluindo-se no longe das distâncias, A prece vespertal em fundas badaladas!

VOU-ME EMBORA PRA PASARGADA

Vou-me embora pra Pasargada Lá sou amigo do rei. Lá tenho a mulher que eu quero Na cama que escolherei Vou-me embora pra Pasargada

Vou-me embo, a pra Pasargada Aní e não sou feliz. Lá a existência é uma aventura De tal modo inconsequente Que Jeca na Louca de Espanha Ralava e falava demente Vem a ver contraponto De hora que nunca tive

E como farei ginástica Andarei de bicicleta Montarei em burro brabo Subirei no pau de ebo Tomarei banhos de mar! E quando estiver cansado Deito na beira do rio Mando chamar a mãe d'água Pra me contar as histórias Que no tempo de eu menino Rosa vinha me contar Vou-me embora pra Pasargada

Em Pasargada tem tudo E' outra civilização Tem um processo seguro De impedir a concepção Tem telefone automatico Tem alcatóide a vontade Tem prostitutas bonitas Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste Mas triste de não ter jeito Quando de noite me der Vontade de me matar — Lá sou amigo do rei — Terei a mulher que eu quero Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasargada

ORAÇÃO A TERESINHA DO MENINO JESUS

Perdi o jeito de sofrer. Ora essa. Não sinto mais aquela gozta cabotina da tristeza. Quero alegria! Me dá alegria, Santa Teresa! Santa Teresa não, Teresinha... Teresinha... Teresinha... Teresinha do menino Jesus.

Me dá alegria!

Me dá a força de acreditar de novo No Pelo Sinal. Da Santa Cruz! Me dá alegria! Me dá alegria, Santa Teresa! Santa Teresa não, Teresinha... Teresinha do menino Jesus.



Manuel Bandeira numa caricatura feita da revista "O Estado da Manhã" em 1940.

BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

MADRUGADA

As estrelas tremem no ar frio, no céu frio...
E no ar frio plúgia, levisíssima, a orvalhada.
Nem mais um ruído corta o silêncio da estrada,
Só no ribancete um vago murmurio.

Tudo dorme. Eu, no entanto, olho o espaço sombrio,
Pensando em ti, ó doce imagem adorada!...
As estrelas tremem no ar frio, no céu frio,
E no ar frio pingam as gotas da orvalhada...

E enquanto penso em ti, no meu sonho erradio,
Sentindo a dor afosa desta ansia incontentada,
— Para, nos belos glaciais e cruéis da geada,
Tremem as flores, treme e foge, ondando, o rio,
E as estrelas tremem no ar frio, no céu frio...

CANTILENA

"O solidão! O pauvreté!"

O céu parece de algodão.
O dia morre. Choveu tanto!
As minhas pálpébras estão
Como embrumadas pelo pranto.

Sinto-o descer devagarinho,
Cheio de mugos e mnsidão.
A minha testa quer carinho,
E pede afago a minha mão.

Debalde o rio docemente
Canta a monótona canção:
Minh'alma e um menino doente
Que a alma acalma mas em vão.

A névoa baixa. A obscuridade
Cesce. Também no cenário
Perda névoa de saudade
Cai. O' peborral! O' solidão!

O DESCANTE DE ARLEQUIM

A lua ainda não nasceu.
A luz ainda não nasceu.
Pierrot não nasceu como o meu,
De uma vida e de um amor.

E... o mundo aborreceu
A lua e o sol, eu não sei...
A lua e o sol, eu não sei...
Tudo é um mundo perdido.

Eis, quando não há e sem vinem,
A lua e o sol, eu não sei...
Eu não vejo de relâmbos,
Só vejo quanto te convém.

Não me dá do teu recato,
Ao te palido pelo vicio,
Sou feliz, acomodaticio,
Agora beijo, agora bato.

Que importa? ao menos o teu ser
Ao meu anélio corrupto
Esquecera por um minuto
O prazêio de viver.

E eu, vagabundo sem idade,
Contra a moral e contra os códigos,
Dar-te-ei entre os meus braços pródigos
Um momento de eternidade...

A DAMA BRANCA

A Dama Branca que eu encontrei,
Faz tantos anos.
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era sorriso de compaixão?
Era sorriso de zombaria?
Mas era mola nem do. Senão,
Só nas tristezas me sorriria.

E a Dama Branca sorriu também
A uma júbilo interior.
Sorria como querendo bem,
E queria não era amor.

Fra dezo? — Crede! De Histórias?
Fra História... quem sabe lá?...
A Dama tinha encherifos fíctios:
Era uma estranha vulgávia.

Era era o gênio da corrupção,
Taboa de vícios adulterinos.
Tava emantes: uma porção,
Até mulheres, até meninos.

Ao pobre amante que lhe queria,
Se lhe furtava sarcástica.
Com um perjura, com outros fria,
Com outros má,

— A Dama Branca que eu encontrei,
Faz tantos anos.
Na minha vida sem lei nem rei,
Sorriu-me em todos os desenganos.

Era constância de anos a fio,
Sutil, capta-me. E imaginai!
Por uma noite de muito frio
A Dama Branca levou meu pai.

HIATO

Es na minha vida como um luminoso
Poema que se lê comovidamente
Entre sorrisos e lágrimas do pozo...

A cada imagem, outra alma, outro ente
Parece entrar em nós e mano enlaçar
A velha alma arruinada e doente...

— Um poema luminoso como o mar,
Aberto em sorrisos de espuma, onde as velas
Fogem como garças longínquas, no ar...

TO ANTE

...wie ein stilles Nachtgebet.
Lenau.

Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos
[pálidas.

Molha-as. Assim eu as quero levar à boca.
Em espírito de humildade, como um cálice
De penitência em que a minh'alma se faz boa...

Foi assim que Teresa de Jesus amou...
Molha em teu pranto de aurora as minhas mãos
[pálidas.

O espasmo é como um êxtase religioso...
E o teu amor tem o sabor das tuas lágrimas...

ALUMBRAMENTO

Eu vi os céus! Eu vi os céus!
Oh, essa angélica brancura
Sem tristes pejos e sem véus!

Nem uma nuvem de amargura
Vem a alma desasossegurar.
E sinto-a bela... e sinto-a pura...

Eu vi nevar! Eu vi nevar!
Oh, cristalizações da bruma
A amortalhar, a cintilar!

Eu vi o mar! Lirios de espuma
Vinham desabroçar à flor
Da água que o vento desagruma...

Eu vi a estrela do pastor...
Vi a litorne aluminicel...
Vi... vi o rastro do Senhor!...

E vi a Vin-Látea ardente...
Vi comunhões... caplas... véus...
Subito... alucinadamente...

Vi estros triunfais... troféus...
Perólos grandes como a lua...
Eu vi os céus! Eu vi os céus!

Eu vi-a nua... toda nua!

CARINHO TRISTE

A tua boca ingênua e triste
E voluptuosa, que eu saberia fazer
Sorrir em meio dos pesares e chorar em meio das
[alegrias,

A tua boca ingênua e triste
E' dele quando ele bem quer.

Os teus seios miraculosos,
Que amamentaram sem perder,
O precário frescor da pubescência,
Teus seios, que são como os seios intactos das
[virgens,

São dele quando ele bem quer.

O teu claro ventre,
Onde como no ventre da terra ouço bater
O mistério de novas vidas e de novos pensamentos,
Teu ventre, cujo contorno tem a pureza da linha
[de mar e céu ao por-do-sol,
E' dele quando ele bem quer.

Só não é dele a tua tristeza.
Tristeza dos que perderam o gosto de viver.
Dos que a vida traia impiedosamente.
Tristeza de criança que se deve afagar e acalantar.
(A minha tristeza também!...)
Só não é dele a tua tristeza, o minha triste amigo
Porque ele não a quer.

NOITE MORTA

Noite morta.
Junto ao poste de iluminação
Os sapos engolem mosquitos.

Ninguém passa na estrada.
Nem um bêbedo.

No entanto há seguramente por ela uma procissão
[de sombras.

Sombras de todos os que passaram.
Os que ainda vivem e os que já morreram.

O córego chora.
A voz da noite...

(Não desta noite, mas de outra maior).

PNEUMO-TORAX

Febre, heisoptise, dispnéia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi.
Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:
— Diga trinta e três.

— Trinta e três... trinta e três... trinta e três...

— Respire.

— O sr. tem uma excavação no pulmão esquerdo e o
pulmão direito infiltrado.
— Então, doutor, não é possível tentar o pneumo-
torax?
— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango
argentino.

COMENTÁRIO MUSICAL

O meu quarto de dormir a cavaleiro da entrada da
[barra.

Entram por ele dentro
Os ares oceânicos,
Maresias atlânticas:
São Paulo de Loanda, Figueira da Foz, praias gae-
[lhas da Irlanda...

O comentário musical da paisagem só podia ser o
[sussurro sinfónico da vida civil.

No entanto o que ouço neste momento é um silvo
[lagado de saugim.
Minha vizinha de baixo comprou um saugim.

POEMA DE FINADOS

Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério. Vai
E procura entre as sepulturas
A sepultura de meu pai.

Leva três rosas bem bonitas.
Ajoelha e reza uma oração.
Não pelo pai, mas pelo filho:
O filho tem mais preceção.

O que resta de mim na vida
E' a amargura do que sou.
Pois nada quero, nada espero,
E em verdade estou morto ali.

POÉTICA

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto
expediente protocolo e manifestações de apreço
ao sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no
dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos uni-
[versais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de
[exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político
Raquitico
Sifilitico
De todo o lirismo que capitula no que quer que seja
fora de si mesmo.

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do
amante exemplar com cem modelos de cartas e as
diferentes maneiras de agradar as mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbedos
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é
libertação.

O ÚLTIMO POEMA

Assim eu queria o meu último poema

Que fosse terno dizendo as coisas mais simples e
[menos intencionais
Que fosse ardente como um soluço sem lágrimas
Que tivesse a beleza das flores que se perfumam
A pureza da chama em que se consomem os dia-
[mantes mais limpos
A paixão dos suicidas que se matam sem explicação.

PROFUNDAMENTE

MANUEL BANDEIRA

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Estrondos de bombas, luzes de Bengala
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.

No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas, de vez em quando
O ruído de um bonde
Coitava o silêncio
Como um túnel.

Onde estavam os que há pouco
Dormiam
Cantavam
E riavam
Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

CANÇÃO DE MUITAS MARIAS

MANUEL BANDEIRA

Uma, duas, três Marias,
Tira o pé da noite escura.
Se uma Maria é demais,
Duas, três, que não seria?

Uma é Maria da Graça,
Outra é Maria Adelaide;
Uma tem o pai pau d'água,
Outra tem o pai alcaide.

A terceira é tão distante,
Que ao vendo por binóculo.
Essa é Maria das Neves,
Que chora e sofre do fígado!

Ha mais Marias na terra,
Tantas que é um não acabar,
— Mais que as estrelas no céu,
Mais que as folhas na floresta,
Mais que as areias no mar!

Por uma saltel de vara,
Por outra estudei tupi.
Mas a melhor das Marias,
Foi aquela que eu perdi.

Essa foi a Maria Cândida
(Maria digam por favor),
Minha Maria enfermeira,
Tão forte e morreu de gripe,
Tão pura e não teve sorte,
Maria do meu amor.

E depois dessa Maria,
Que foi cândida no nome,
Cândida no coração;
Que em vida foi a das Dóres,
E hoje é Maria do Céu,
Não cantarei mais nenhuma,
Que a minha lira estalou,
Que a minha lira morrent!

ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

"Autores e Livros" inicia, hoje, a publicação da "Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea". Nela incluem-se os poetas e os prosadores mais característicos do atual momento, fazendo na obra de cada um deles uma seleção dos trabalhos que mais interesse apresentarem para os leitores. Cada seleção feita será acompanhada de uma notícia biográfica e bibliográfica do autor, de um retrato dele, e, sempre que for possível, de um autógrafo. Cada autor vivo (desde

que o mereça) terá assim uma ou duas páginas do nosso suplemento, ao lado dos autores mortos. Publicando, simultaneamente, a antologia de poesia e a de prosa, esperamos ter dentro de um ano — quer dizer, nos dois volumes de "Autores e Livros" que hão de corresponder ao ano de 1943 — ultimada essa vasta obra.

Para abrir a "Antologia da Poesia" escolhemos Manuel Bandeira, o grande poeta de "Cinza das Horas" e de "Liberlinagem".

Acalanto de John. Talbot

Dorme, meu filhinho,
Dorme sossegado.
Dorme, que a teu lado
Cantarei baixinho.

O dia não tarda,
Vai amanhecer...

Como é frio o ar!
O anginho da guarda
Que o Senhor te deu,
Pode adormecer,
Pode descansar,
Que te guarde eu

Manuel Bandeira

ALGUMAS FONTES DE ESTUDO

Entre muitas outras, apontamos, como fontes de estudo sobre Manuel Bandeira, os seguintes trabalhos:

- Agripino Grieco — *Evolução da poesia brasileira*.
- Andrade Muricy — *A nova literatura brasileira*.
- *Homenagem a Manuel Bandeira*, Rio de Janeiro, 1936.

EMENDA AO SUPLEMENTO PASSADO

O suplemento passado (dedicado ao índice do terceiro volume) saiu com alguns erros de revisão dos quais pedimos desculpas aos leitores. Três desses erros exigem retificação, e são os seguintes:

- A página 297, é dado como sendo da autoria de João Ribeiro o artigo — *Ideias e espírito de Lima Campos*, trabalho de João do Rio;
- A mesma página, registra-se um artigo de Ribeiro Couto com o título *Homenagem e Presépio do Quotidiano em França*; substitua-se a palavra *Homenagem* por *Humildade*;
- A página 285, no título do índice, saiu a indicação de Segundo Volume — quando havia de ser Terceiro Volume.

Contem trabalhos de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade, Abgar Renuit, Afonso Arinos de Melo Franco, Alfonso Reyes, Alvaro Moreyra, Aníbal Machado, Antenor Nascentes, Augusto Frederico Schmidt, A. C. Couto de Barros, Dante Milano, Gastão Cruz, Gilberto Freyre, Gustavo Capanema, João Alphonsus, Jorge de Lima, José Lins do Rego, Lucia Miguel Pereira, Marques Rebelo, Mucio Leão, Murilo Mendes, Otávio de Faria, Olívio Montenegro, Onestaldo de Pennafort, Pedro Dantas, Pedro Nave, Ribeiro Couto, Rodrigo M. F. de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Souza da Silveira, Tristão de Alaiide, Vinícius de Moraes.

- João Ribeiro — Artigos do "Imparcial" por ocasião do aparecimento de *A Cinza das Horas* e *Carnaval*, respectivamente em 23 de julho de 1917 e 15 de dezembro de 1919.
- Mucio Leão. — Série de quatro estudos no "Jornal do Brasil" sobre as *Poesias Completas* (Novembro de 1940).

- Mucio Leão. — *Roteiro de duas gerações* — A MANHÃ, 9 de agosto de 1942.
- Ribeiro Couto. — Discurso recebendo Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras. Encontra-se na Revista da Academia Brasileira, segundo semestre de 1940. (Foi tirada uma separata, contendo os dois discursos).
- Tristão de Alaiide. — *Estudos*, 5.ª série.
- Vinícius de Moraes. — *Estudo sobre a poesia brasileira*, na revista "Bur", de Buenos Aires, (1942).
- E ainda: estudos e artigos diversos de Alvaro Lins, Eliot Pontes, Afonso Arinos de Melo Franco, Manuel Anselmo, etc.

ENTÃO E HOJE...

(Continuação da pág. 12)

Olhos a este fragmento da humanidade que é a nossa pátria, e melhorar no coração dos Brasileiros o sentimento dessa fraternidade que tanto inscreve nos papéis públicos e que tanto falece na vida oficial.

CARLOS DE LAET.